

Diário de Li

Diário de Lisboa
11—Avença—Of.
Biblioteca Municipal Central de
37705
LISBOA

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZON DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO—Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANZO

REPRODUÇÃO GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273
Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

O SR. Flandin teve ontem, sobre a questão de confiança que puzera, uma maioria esmagadora. Mais de quatrocentos votos a seu favor, demonstrando o aplauso da nação por uma política que se apoia, essencialmente, nos principios de ordem e de clareza tão caros ao espirito francês.

O sr. Flandin, além de outros inconvenientes, suporta o peso dum confronto pouco desejavel. Herdando do seu antecessor o encargo pesado de satisfazer as aspirações duma opinião publica excitada até ao delirio, o actual chefe do governo da França tem procurado acalmar paixões, estabelecendo a atmosfera de concórdia indispensavel á realização dos grandes objectivos nacionais. Mas os triumphos principaes, alcançados pelo seu governo, contam-se no plano internacional. As conversações de Roma e de Londres estabelecendo, no dizer dum critico, o «front» comum da Mancha ao Adriatico e resuscitando a solidariedade que conduziu á vitória, podem apontar-se como modelo de intelligencia e habilidade diplomatica.

Foi sobre esse plano geral de actividade externa que, sobretudo, ontem se pronunciaram os representantes da França.

O CONHECIDO jornalista belga, sr. André L'Hoist, realiza hoje, na Sociedade de Geografia, uma conferencia: sobre «A morte do rei Alberto I».

Aí está um tema sugestivo que ainda hoje, volvido um ano sobre o desaparecimento misterioso do Rei-Soldado, continua a interessar o mundo. Em livros e artigos, de certa repercussão, algumas pessoas têm procurado esclarecer as circumstancias tragicas em que desapareceu o homem que, durante a guerra, melhor soube interpretar o sentimento da honra ofendida e menosprezada.

A conferencia de André L'Hoist está por isso destinada a revestir um interesse que entre nós particularmente se justifica, dadas as sympathias de que gozava no nosso pais o ultimo monarca belga.

L AVAL, quando da sua recente viagem a Londres, foi muito admirado pela serenidade de que deu provas durante a discussão de graves problemas que interessavam á França, mantendo sempre o dominio de si proprio e uma tranquillidade que causou espanto aos proprios ingleses.

MacDonald, referindo-se ao caso, disse:

—Tinha ouvido falar da fleugma inglesa. Agora, já sei o que é.

A FOLHA official publica hoje o «Relatorio da Inspeção Geral do Ensino Particular, referente ao ano de 1934», documento de grande importancia que é assinado pelo respectivo inspector geral, sr. dr. Oliveira Guimarães.

Estetica de paisagem

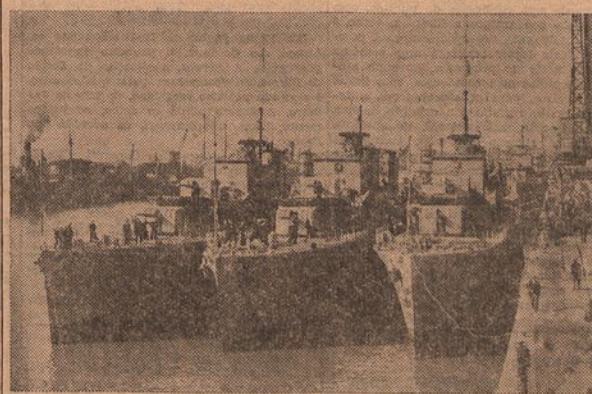
A paisagem não é só criação da natureza. E' tambem criação do homem. E deveria sê-lo em mais larga escala, desde que o bom gosto imperasse. Sobretudo em paises como o nosso, lugar privilegiado de turismo e descanso para forasteiros sedentos de visões harmoniosas e de panoramas variados e repousantes.

O cuidado e a ternura que nos merecem os aspectos e cenarios da terra natal—quer não deixando desfazer os realmente belos, quer aformosando os outros—é, na frase justa dum critico francês, «uma das mais elevadas formas de civismos». Das mais elevadas e mais dificeis. Ninguém, de facto, se convence de que edificar uma casa feia, destruir uma floresta abrangente, suprimir uma perspectiva larga, esconder um jardim ou um pomar viçosos na imponencia ridicula dum muro com ameias—desacerto corrente nas nossas provincias e até perto de Lisboa—é quasi um acto de lesa-patriotismo. Gente de boa educação, incapaz de se vestir menos elegantemente, esquece a elegancia, que lhe pertence dar ou que lhe cumpre não roubar, á paisagem entre a qual se pavoneia. Corrompe-a, estraga-a, desfigura-a, perverte-a, sem mesmo pensar que manifesta assim á observação alheia a propria e completa ausencia de sensibilidade e de criterio.

Ha aldeias maravilhosamente situadas, cantinhos bucolicos de inefavel fascinação, por essas montanhas e por esses litorais além, que o barbaro capricho de architectos improvisados tornou horriveis. Quatro pseudo-palacios ás riscas, por exemplo, transformaram-lhes inteiramente a fisionomia. Em tempos, eram sedutoras. Cativavam, enleavam, e saía-se de lá no desejo ardente de voltar breve. Aí de nós! Se algum dia voltamos, nem as reconhecemos! Os monstruosos, os disparatados predios abafam-nas sob o peso da sua comica solenidade, e a lembrança da graça antiga nelas se buscará em vão.

Ora não se pretende que a existencia da grei não melhore, que a população não aumente, que o progresso e o conforto não se propaguem e, por conseguinte, que as aldeias, vilas e cidades não se desenvolvam. Pelo contrario. Apenas se ambicionaria, que—se fôsse cousa viavel—a intelligencia e a arte presidissem ás inevitaveis transformações, adaptando-os ás exigencias e comodidades da vida moderna, mas sem obscurecer, sem extinguir a grandeza, a amargura, o pitoresco do ambiente e do cenario tradicionais.

O problema é complicado, evidentemente, e em varios meios cultos tem sido tratado, discutido e nunca resolvido. Em Portugal, porém, convinha encontrar-lhe uma solução urgente, tanto se accentua o interesse e a admiração dos estrangeiros pelos nossos campos e praias, cuja amenidade e excelencia os prende e atrai. Que de igual jeito os atraia a beleza, que porventura instalarmos ou conservarmos, eis o que nos parece um voto digno da atenção dos competentes e do aplauso de todos os bons e sinceros patriotas.



Três dos contra-torpedeiros da divisão inglesa que hoje entrou no Tejo, atracados, paralelamente, na doca de Alcantara

(Lêr noticia na pagina central)

S AO em grande numero as cartas que nos têm sido dirigidas, aplaudindo a doutrina duma local que publicamos ha dias sob a epigrafe Abusos radiofonicos.

De uma dessas cartas recordamos os seguintes trechos, que traduzem a opinião geral dos radio-ouvintes:

«Não se lhe seque a tinta no aparato, enquanto não conseguir o que tão bem preconiza, para satisfação de nós todos, os que possuímos aparelhos e gostamos de boa musica. Não esmoreça um dia sequer no seu entusiasmo contra a praga dos faladores e oradores conciliarios, que nos matariam o bichinho do ouvido, se não fizessemos aquilo que v. declara francamente na citada local: voltar o botão do aparelho para longinquas terras, onde, pelo menos, os programas são mais variados e agradaveis. Afinal, no belo tempo em que não tínhamos a desdita de alargar os cordões á bolsa para esporcular seis escudos mensais, havia musica maravilhosa e seleccionada. Agora, sacrificamos a nossa bolsa, para haver uma Emissora Nacional, pregam-nos estopadas de palestras em todos os tons, entremeadas de gargarejos de meninas mais ou menos desalfinadas a pedrem voz e muita escola.»

D O complexo problema vinicola ha que destacar o caso especial do vinho verde, cuja produção foi, o ano passado, maior do que nos sete anos anteriores, isto é, 301,091 pipas, ao passo que nos sete anos anteriores não passou de 178.875 pipas.

Poder-se-á discutir a possibilidade de substituir certos refrigerantes por vinho maduro, que tem a sua função propria; mas, com um pouco de boa vontade e patriotismo, poderíamos aproveitar o excesso de produção da ultima colheita de vinho verde para, resolvendo a sua crise de abundancia, estabelecermos em Portugal o uso da deliciosa bebida que a nossa terra dá. Tal como os alemães despejam «bocks», passariam os portugueses a beber, nas calorosas tardes de verão, canecas de vinho verde, fresco e espumante, benéfico para a guêta e para o sangue.

A NDRÉ Gide visitou recentemente a Italia onde, ao que parece, lhe não prodigalizaram os testemunhos de admiração a que o celebre escritor anda habituado.

A visita foi, mesmo, acompanhada dum movimento pronunciado de reacção antigideana, que também não deve ter causado admiração ao autor de tantas obras discutidas com violencia por todo o mundo.

INTITULA-SE «Exortação aos novos de Portugal», a conferencia que Carlos Clitia realiza na «Sala Portuguesa, da Sociedade de Geografia, na festa dos Escoteiros e da Mocidade, que se efectua a 23 do corrente e que será presidida pelo chefe do Estado.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Realiza-se depois de amanhã, ás 21 horas, na Sociedade Musical Alunos de Alven Realto, na rua da Junqueira, 204, 1.ª, uma sessão solene comemorativa do terceiro aniversário d. «Troupe de Jazz «Os Lusitanos».

VIDA CULTURAL

O sr. dr. Newton de Macedo realiza amanhã, ás 21 e 30, na praça Luiz de Camões, 46, 2.ª, onde funcionam os «Estudos Sociais Económicos e Literários» organizados pelo sr. dr. Americo Buisel, mais uma lição do curso de História da Civilização. O tema desta lição é «As religiões sob o império romano — o Cristianismo».

Assistencia aos Tuberculosos

O importante industrial e proprietário do Funchal, sr. comendador Harry Hinton, entregou á comissão delegada da A. N. T. naquela cidade o avultado donativo de 25.000\$000 para auxiliar a construção do Preventório que a benemerita Assistencia Nacional aos Tuberculosos tentava levar a efeito na ilha da Madeira.

AERO PORTUGUESA

Uma viagem aerea extra-rápida. O trimotor da Aero Portuguesa que partiu esta manhã para Tanger levava a bordo três passageiros, entre eles o nosso camarada e brilhante escritor Ferreira de Castro. O aparelho transportava volumosa correspondencia para o Brasil, que deve chegar ao seu destino em menos de três dias, visto a travessia do Atlantico feita pelo grande hidro-vião «Santos Dumont» da Als Franca ser extra-rápida.

Noticias de Seixas do Minho

SEIXAS DO MINHO, 14.—Apareceu na Serra de Argá uma alcatra de três lobos, um macho e duas fêmeas, que diariamente atacam os rebanhos de ovelhas e cabras das freguesias que cercam aquela serra.

Liceu Normal de Lisboa

Os candidatos que prestaram as provas do exame de admissão ao 11.º grupo, no Liceu Normal de Lisboa (Pedro Nunes) devem apresentar até ao dia 20 do corrente a declaração das suas classificações nas duas cadeiras exigidas para este exame.

Associação «Luis Braille»

Realiza-se depois de amanhã, ás 21 e 30, na sede da Associação «Luis Braille» mais uma festa promovida pela comissão de socios e benfeitores daquela instituição.

Concurso de Medicina Sanitaria

Na secretaria do Instituto de Higiene dr. Ricardo Jorge encontra-se aberta até ao dia 28 a inscrição para o Curso de Medicina Sanitaria.

Visita do estudo

Os alunos do curso comercial da Escola Académica, acompanhados pelo seu professor sr. dr. Pinto de Campos, visitaram a fabrica «Favorita».

TEATROS E CINEMAS

Harry Flemming, em Lisboa

Causou justificada sensação a noticia publicada nos jornais da tarde, e de que já nos fizessem eco, que confirma a vinda a Portugal da celebre «troupe» de Harry Flemming, para se exhibir, numa serie de espectaculos sensacionais, no S. Luiz, durante o Carnaval.

Harry Flemming é considerado, hoje, de facto, o maior bailarino do mundo. Lisboa admirou-o ha anos, assombroad! Mas Harry encontra-se agora no apogeu da sua carreira, rodeado por artistas de excepcional categoria, e com o seu trabalho valorizado pela actuação do formidavel jazz King Vagabonda.

Conchita Ulla no Trindade

Conchita Ulla vai efectuar o seu primeiro recital nocturno, no proximo sabado, no Trindade, ás 21 e 45 horas. Esta noticia vai alegrar o grande publico da eminente artista, principalmente a nossa primeira sociedade, que de ha muito ansiava pelo ensejo de poder reunir-se num serão de elegancia e de requintes de bom gosto. Conchita Ulla vai nessa noite, perante um publico mais numero ainda do que o habitual, realizar um dos seus mais belos e sugestivos programas de arte, programa que se dividirá em três partes e no qual a flustre artista será acompanhada pelo maestro-compositor Frederico de Freitas. Para este elegantissimo espectáculo começa, amanhã, no camaroteiro do Trindade, a venda de bilhetes de todas as categorias.

Recita de Maria Matos

Está absolutamente assente a realiação, na proxima 4.ª feira, na Avenida, da festa oritica da eminente actriz Maria Matos, á qual se dignam assistir os srs. consel. do Brasil, escritor Joracy Camargo e o grande actor brasileiro Procopio Ferreira. O programa deste espectáculo é de molde a tentar todo o publico da illustre artista, pois que dele faz parte, em primeiro lugar, a estreia em Portugal da comedia brasileira de grande successo, «Onde estás, felicidade?», original em 3 actos e 1 quadro do escritor Luiz Iglesias e que, ha dois anos, foi o maior e o mais ruídooso successo do Rio de Janeiro e de S. Paulo. Este grandioso espectáculo completar-se-á ainda, com o quadro inédito do saudoso e grande poeta Ruy Chianca, «Lenor Teles» e com a engraçadissima peça, em 1 acto, de Mario Marques, «A ceia das sogras».

Alvaro Benamor

Alvaro Benamor, foram mas já distincto artista do nosso teatro declamado, tem na deliciosa comedia Cinco lobitos, em cena no Nacional, um papel que muito contribui para o exito daquela comedia. Ao lado de Amelia Rey Colaço e de Raul de Carvalho, o consciencioso artista marca mais um trabalho á altura de seus meritos. O publico corresponde a esse desempenho tributando-lha todas as noites os mais justos aplausos.

Atrás do reposteiro

Vão ser este anno, mais do que nunca, brilhantissimos os espectaculos de Carnaval, no Trindade, cujo programa o empresario José Loureiro tem já organizado e que brevemente será conhecido do publico, com preferencia aos antigos assinantes, como é de uso nesta classe de espectaculos. A companhia deste teatro realizará uma comedia em cada noite do programa, havendo ainda, a completar os espectaculos, com balles e intervalos para os espectadores, a apresentação de revistas e a exhibição de uma grande atracção internacional, de absoluta novidade e enorme nomeada, contratada expressamente pelo referido empresario, por intermedio da acreditada agencia de Madrid dirigida por D. Juan Canelé.

—Na recita de Beatriz Costa, na proxima quarta-feira, no Sá da Bandeira, do Porto, tomam parte, alem de outros artistas, Irene Leão, Vasco Santana, Carlos Leal, Vanise Meireles, Ercilia Costa e Joaquim Frata, os quatro ultimos gentilmente cedidos pelo empresario Ricardo Covões.

—Definitivamente, é depois de amanhã

que a companhia Maria Matos representa no Trindade a comedia «Sangue Azul», em recita dos nossos camaradas Carlos de Vasconcelos e Sá e Mota Marques, coristas mundanos. Esta companhia, por sua vez, realiza hoje e amanhã, no Avenida, as ultimas representações da comedia «O meu crime».

—O Apolo repete hoje, em duas sessões, a sua revista «Os Pacatos», que amanhã, ás 15 horas e 30, dá outra «matinée».

—«Viva a Follia» regista, hoje, no Maria Vitoria, mais um sabado, representando-se amanhã em «matinée», ás 15 horas e 30 e duas sessões nocturnas, com Mirita Casimiro e o artista brasileiro Wellington Lobo.

—Os espectaculos de Carnaval, no teatro Nacional, vão realizar-se com a opereta portuguesa «O Solar dos Barrigass», com a grande actriz Palmira Bastos no seu antigo papel de «Manuela».

—Hoje, é a penultima noite que o publico tem para ver a companhia de circo no Coliseu.

Amanhã: ultima «matinée» dedicada ás crianças. A noite: despedida da companhia que tem sido uma das maiores alegrias da capital.

O compositor inglês J. Davis, referindo-se, num artigo que escreveu no Portuguese Times, acerca da Orquestra Philarmónica de Madrid, ás condições acusticas do Coliseu, declara que são esplendidas e que são raras as salas de espectáculo no mundo que se possa comparar.

—O bailarino negro Fleming, que vai fazer o Carnaval no S. Luiz, é o mesmo que ha três annos realizou os espectaculos de Carnaval no Coliseu dos Recreios, com uma grande orquestra tipica e uma notavel estrela de ballados, a formosissima Halina Darsowna.

«Ali Babá e os 40 ladrões»

Palacio e Odeon arribem na proxima quarta-feira uma das películas mais sensacionais da temporada. Referimo-nos a Ali Babá e os 40 Ladrões, espectacularissima produção que em imagens de invulgar



suspirosidades nos conta um dos mais curiosos contos das Mil e uma noites. Este filme, sob o título de Chu-Chin-Chow, tem entusiasmado as plateias dos grandes centros.

Actualidades

Em 17 de junho de 1931 estreou-se em Lisboa, no S. Luiz, o primeiro fonofilm português, «A Severa», realiação de Leitão de Barros. Já decorreram quasi quatro annos, e segundo noticias recebidas, do Rio de Janeiro, «A Severa» ainda se exhibe, conjuntamente, em três cinemas, da avenida Rio Branco.

—O S. Luiz apresenta no Carnaval, além de varios numeros de variedades, da «Grande Orquestra de Jazz Flemming». Na quarta feira de Cinzas estreará a grande produção da Metro Goldwin Mayer «Viva Villa», com Wallace Beery, Fay Wray e Katherine de Mille. Realização de Jack Conway.

—Annabella, no desastre de que foi vítima quando filmava «Varietés», e de que já demos noticia, sofreu uma dupla fractura dum tornozelo, não podendo recommear os seus trabalhos.

HOJE E AMANHÃ A's 9 1/2 horas, no AVENIDA ULTIMAS REPRESENTAÇÕES da celebre comedia «chagre» O MEU CRIME 4.ª FEIRA, 20 — RECITA DA ACTRIZ MARIA MATOS

ZÉ LOS PACATOS REVISTA DAS MULTIDÕES no APOLO DUAS SESSÕES 8 1/2 e 10,45 h. Amanhã: Matinée

balhos antes de vinte dias, pelo menos. —«Keans», o excellent drama de Alexandre Dumas, vai ser adaptado ao cinema, em Inglaterra, pela firma Teoplitz.

PROGRAMAS DE HOJE

S. LUIZ TELEF. 2172 O inimigo publico n.º 1 com Clark Gable, William Powell e Mirna Loy

CENTRAL TELEF. 24381 O NONO CONVIDADO com Geneviève Tobin e Donal Cook

CONDES TELEF. 22623 O Escandalo Gaby Morlay e Henri Rollan

ODEON TELEF. 26483 A Dama das Camélias 2.ª semana com Yvonne Printemps e Henri Rollan

PALACIO TELEF. 47103 A conquista de Hollywood com Pat Paterson

POLITEAMA TELEF. 2 6305 As Fronteiras do Amor com José Mojica e Restina Moreno

PARIS TELEF. 2 8777 Soirée en 8 e 45 Os homens da b'na branca Aventuras de Bucha e Estica

CAPITOLIO BILHETES DESDE 1\$60 A imperatriz vermelha Pimenta e mais pimenta

TERRASSE CLEOPATRA As 21 e 15 TELEF. 20917 Levado á forca

LYS TELEF. 4 8560 CLEOPATRA Que rapaz encantador

ROYAL As 21 e 15 TELEF. 4 5037 O juden sass Todas contra ela

JARDIM CINEMA As 20 e 45 Amanhã: A volta de Raffles A INTRUSA

EUROPA As 21 TELEF. 4 6961 Os Miseráveis 2.ª e 3.ª jornadas (ultimas)

EDEN TELEF. 8 222 Us Miseráveis A's 21 2.ª e 3.ª jornada (ultimas)

«RUTHER»—E' o tonico biologico que devem preferir para alimentar o bulbo piloso no crescimento dos seus preciosos cabelos.

A venda na Drograria Rodolfo Lima —Avenida Almirante Reis, 85.

Teatro Nacional HOJE E SEMPRE A comédia espanhola «CINCO LOBITOS» grande criação — de Amelia Rey Colaço —

BOX

A' grande sessão de 2.ª feira
Devem assistir representantes dos Ex.^{mos} ministros de Espanha e Brasil

O grande acontecimento da semana é a formidável competição entre Portugal, contra a Espanha e Brasil em «box».

Na verdade, a organização da próxima segunda-feira, 18, no Colisseu, é daquelas que devem ficar como agradável recordação dum grande noite davel recordação defrontará a Espanha nos seguintes combates: Horação Velha, categorizado «boxeur» português que na America defrontou o campeão do Mundo, contra De Cea, o homem que nunca conheceu o amargo da derrota; José Maria Liberto, o conhecido campeão nacional, contra o impetuoso discípulo de Paulino Poáda; Vinícius Monteiro, campeão de Angola, contra Argentino, da «curie» de Luiz Filipo. Contra o Brasil teremos um grande «match»: Rubens Soares—o campeão do Brasil, que venceu todos os portugueses—contra Pinto Valongo, o meio pesado que em Paris foi considerado uma revelação. Outro combate de categoria completa está grande sessão internacional a que devem assistir representantes dos ex.^{mos} embaixadores de Espanha e do Brasil.

AS FESTAS DE CARNAVAL

—Realiza-se hoje, no União Club Rio de Janeiro, a primeira escoreir-masqueiros organizada pelos «7 atrevidos», sendo iniciada ás 22 horas por um surpreendente baile de mascaras, abrilhantado pela esplendida orquestra «Jazz» «Os Teimosos». A's 0 horas haverá uma demonstração de ciclismo em rulos pelos corredores do clube sr. Antonio Lopes, Felipe de Melo, Artur Dias Malu e Eduardo Santos e pelo jovem corredor menino José Gil, sobrinho, seguindo-se o baile até de madrugada.

—No proximo dia 24, realiza-se no Gremio da Comarca de Arganil o primeiro baile de mascaras.

VIDA ARTISTICA

Encontra-se entre nós, com bastante demora, o pintor Roiz. Este artista, que além da pintura cultiva com interesse notavel a cenografia e a decoração, espera na primeira oportunidade mostrar ao publico de Lisboa os seus curiosissimos trabalhos.

GARAGE LISBOA

Rua Almirante Barros, B. C. S.
Recolha de automoveis
60\$00 ESCUDOS



L. da Anunciada, 19—Tel. 2 7574

ABADIA

«First-Class», «Restaurante»
Almoços, Jantares e Ceias, serviço à la Carte... Cozinha recomendada. Especialidade em Mariscos e Cervejaria.

HOJE E AMANHÃ

Os ultimos dias da
Companhia de
CIRCO
no
COLISEU

Ninguém deixe de ir ver as grandes atrações internacionais que tão rentante successo têm alcançado. As crianças têm entrada gratuita.

A sala-restaurant do CAFÉ «CHIC» tem conforto, assio inexcelsível, não tem cheiro ou fumo e tem originalidade na iluminação.
—Porque a não visita V. Ex.º?

MUSICA

Concerto Gabriela Filip

É já na proxima semana, quinta-feira, 21 ás 21 e 45, que se realiza o concerto promovido pela notavel cantora Gabriela Filip. Os raios da antiga Liga Naval, de tão brilhantes e elegantes tradições, e onde está actualmente instalado o Grémio Lirico Português, devem ser pequenos para conter, nesse dia, os admiradores da arte do canto, a mais emocionante e a mais pura quando quem canta tem uma lindíssima voz e uma expressão sincera e sentida! como acontece com Gabriela Filip.

Brevemente publicaremos o programa, em que colaboram a brilhante pianista «madame» Carolina Pezenik e o maestro Francisco Godville, continuando a procura de bilhetes nas casas Heliodoro de Oliveira, Saxeiti, e Valentinia de Carvalho.

RECITAL DE DANSA

Na proxima terça-feira, 19, o teatro Politeama oferece um espectáculo de arte como ha muito não ha em Portugal.
O recital de Francis e Ruth que tiveram como colaboradores alguns dos nossos melhores nomes de musica e pintura está destinado a um grande successo. A procura de bilhetes tem sido extraordinaria, o que faz prever uma taente admiravel de Francis.
Amanhã, domingo, começa a venda avulso para este extraordinario espectáculo de arte que, certamente, levará ao Politeama todos os numerosos admiradores da arte inconfundível de Francis e Ruth Walden.

PUBLICAÇÕES

«No mar—Episodios da vida de marinheiros»
A Liga Naval Portuguesa acaba de editar, profusamente illustrado, um interessante livro «No Mar—Episodios da vida de marinheiros», no qual se rememoram algumas paginas curiosas da nossa Armada através da sua gloriosa existencia.
Colaboram neste livro: os almirantes D. Bernardo de Mesquita, Guilherme Ivens Ferraz, Alfredo Casador, Pedro de Azevedo Coutinho e Agnelo Portela; os comandantes Mata e Oliveira, Cismelros de Paria, Carvalho Brandão, Botelho de Sousa e Jaime do Inso; capitão da Marinha Mercante Guilherme de Oliveira e sr. Eduardo Lupi e Emilio de San Bruno, antigos oficiais.

NUMEROS PREMIADOS NA LOTARIA DE HOJE

5647	400.000\$00
5433	30.000\$00
2820	10.000\$00
5646 (Aprox. ao 1.º premio)	2.500\$00
5648	2.500\$00
Premiados com 1.000\$00	
547 2369 2881 3568 4111 6115 6827	6957 8247 8287
Premiados com 500\$00	
67 127 424 687 833 979 1041	1093 1100 1227 1416 1432 1587 1928
2446 2768 2926 2977 3078 3232 3270	3664 3886 4374 4536 4765 4790 5119
5285 5459 6301 6408 7626 7673 7723	7763 7846 7891 8001 8074 8196 8638
8653 8892 9210 9342 9522 10175 10203	10483
Premiados com 320\$00	
50 83	
DEZENA	
CENTENA	
169 203 222 236 242 271 309 331 340	388 478 529 564 570 593 614 690 705
715 724 794 829 860 910 941 992	
MIL	
1004 1038 1048 1061 1158 1166 1196	1200 1289 1296 1312 1318 1328 1342
1348 1351 1434 1439 1457 1465 1473	1479 1516 1547 1595 1636 1646 1658
1719 1832 1865 1868 1918 1932 1951	1961 1981 1982 1990
DOIS MIL	
2011 2050 2052 2053 2077 2121 2144	2193 2208 2232 2242 2243 2249 2371
2399 2518 2519 2531 2587 2650 2699	2761 2883 2884 2915 2935 2971

Os numeros cuja terminação (unidade) seja em 6—7—8 têm o premio de **180\$00**, alem de qualquer outro que lhes caiba no sorteio

O BAILE DOS MEDICOS

Termina no proximo dia 20 a entrega dos bilhetes para o brilhante «Baile dos Medicos», em virtude da comissão ter de marcar o numero exacto das ceias.
Os medicos que ainda não requisitaram bilhetes para si, sua familia ou seus apresentados têm, portanto, de o fazer no prazo indicado, nos seguintes locais: rua Garrett, 36, 2.º, tel. 2 2408; calçada do Carmo, 6, 1.º, tel. 2 2070; travessa da Gloria, 6, 1.º, tel. 2 2927; e avenida Visconde Valmor, 78, 2.º, tel. 4 0597.

Noticias de Alvito

ALVITO, 15—Apareceram ontem, nesta vna, as primeiras andorinhas.
—O trio abrandou um pouco nos ultimos dias.
—E' grande a falta de chuvas, pelo que os lavradores andam muito desanimados e os trabalhadores rurais não têm tido que fazer. Algumas cabeças de gado têm morrido com fome e muitas parecem tuberculosas. Estamos na perspectiva de um ano mau se as chuvas não vierem beneficiar os campos.

Reclamações

Pede-nos um leitor que chamemos a atenção de quem de direito para o facto de um canal de esgoto do prédio situado na esquina da rua Gomes Fretre com o Campo dos Martires da Patria, mesmo em frente do Instituto de Higiene dr. Ricardo Jorge, se encontrar rebentado, com grave perigo para os moradores do bairro.

CONFERÊNCIAS

O professor William Oualid realiza hoje, ás 21 e 30 no Instituto Superior de Ciencias Economicas e Financeiras, mais uma conferencia acerca da «Politica monetaria da França e as controversias monetarias recentes».

Viagem aerea a Timor

A directão do Gremio da Comarca de Arganil deliberou telegrafar ao sr. presidente do Conselho a pedir a promoção ao posto immediato dos aviadores sr. tenente Humberto da Cruz e sargento Antonio Lobato.

O cruzeiro do «Gonçalves Zarco»

A cambuja do Extremo-Oriente, chegou hoje de manhã a Surabaya (ilha de Java) o aviso «Gonçalves Zarco».

NUMEROS PREMIADOS NA LOTARIA DE HOJE

3063 3070 3077 3100 3117 3177 3180	3191 3201 3225 3330 3377 3391 3413
3483 3491 3541 3543 3582 3623 3681	3713 3779 3800 3836 3857 3866 3921
3944 3949 3981 3992	
TRES MIL	
4024 4026 4030 4040 4096 4104 4132	4153 4170 4180 4245 4246 4263 4361
4400 4411 4453 4455 4463 4514 4553	4556 4575 4629 4761 4871 4879 4923
QUATRO MIL	
5051 5069 5179 5326 5362 5401 5405	5412 5439 5473 5478 5479 5485 5498
5531 5536 5593 5634 5673 5718 5720	5730 5818 5847 5920 5990
SEIS MIL	
6016 6033 6053 6085 6094 6098 6145	6258 6277 6384 6489 6515 6547 6550
6563 6571 6712 6748 6766 6800 6849	6877 6891 6903
SETE MIL	
7012 7041 7063 7102 7116 7117 7170	7308 7330 7334 7396 7406 7537 7592
7602 7606 7611 7728 7761 7801 7874	7990
OITO MIL	
8037 8061 8095 8131 8138 8188 8203	8225 8280 8427 8481 8593 8597 8607
8623 8637 8706 8713 8830 8843 8973	8984
NOVE MIL	
9036 9069 9071 9073 9181 9187 9189	9274 9291 9323 9351 9424 9425 9532
9540 9554 9618 9786 9788 9801 9881	9894 9903 9909 9915
DEZ MIL	
10000 10041 10046 10234 10256 10324	10402 10410 10447

DESPORTES

Os jogos da 1.ª Liga
Prossigue, amanhã, com aplauso geral, o Campeonato das Ligas.
Na primeira, verificam-se os seguintes encontros:

Em Lisboa
No Campo Grande, Sporting contra Vitoria.
Em São Amaro, F. C. do Porto, contra União.
No Porto
No Estadio do Lima, Belenenses contra Académico.
Em Coimbra
No campo de Sta. Cruz, Benfica contra Associação Académica.
Temos, portanto, como jogos mais interessantes, aqueles que se effectam em Lisboa.
Tanto no Porto como em Coimbra os representantes de Lisboa devem evidenciar a sua marcada superioridade.
Em Lisboa, damos como favoritos o Sporting e o F. C. do Porto. Mas qualquer destes clubes deve ver-se em embaraços para conquistar o triunfo.
O Vitoria está realizando um bom campeonato, ascendo de jogo para jogo, merecendo uma grande vontade, e assim só se deixará vencer (e pode também ganhar) com grande dificuldade.

Santo Amaro é mau ambiente para qualquer agrupamento. O F. C. do Porto sentirá isso mesmo. Será um desafio energico e veloz.
O União, com o seu defeso Joaquim Almeida suspenso, recompôs a sua linha com a aquisição de Jorge Teixeira, antigo elemento do Benfica, e que ultimamente militou nas fileiras do Salgueiros, do Porto.
No entanto é de presumir uma victoria difficil do «campeão do Norte».

O estudo da educação fisica e dos desportos

O Comité Olimpico Português, agora, em grande actividade, pela nossa comparticipação nos Jogos Olímpicos de Berlim, publicou um interessante subsidio para o estudo da organização da educação fisica e dos desportos no país.
Trata-se dum estudo muito interessante e equilibrado, devendo ler-se atentamente o respectivo prefacio, em que a questão é posta claramente.
Os capitulos do estudo são os seguintes: Bases gerais da educação fisica; a Medicina na educação fisica e no desporto; organização e fiscalização dos desportos em Portugal.
Contamos ainda referir-nos a este trabalho com a atenção que ele merece.

Outros desportos

Amanhã o nosso movimento desportivo não se resume ao «foot-ball», tanto da 1.ª como da 2.ª Liga como do torneio de reservas.
Haverá também, manifestações de «basket», «handball» e «cross».

Gastigos a arbitros

O levantamento dos castigos aos jogadores, por parte da A. F. L., originou um inquerito ao arbitro sr. Abel Antonio Ferreira, feito pelo Colegio de Arbitros.
Conhecem-se já algumas resultantes desse inquerito. Abel Antonio Ferreira foi suspenso por 60 dias, e Mario Augusto de Oliveira, que se encontra envolvido no assunto, foi suspenso até á proxima assembleia geral, com proposta de irradiação.
Consta-nos ainda que outras pessoas, sem serem arbitros mas com responsabilidades desportivas, se encontram também envolvidas neste inefeliz assunto.

«Foot-ball» em Ohião

Amanhã, domingo, por motivo do desafio do «foot-ball» que se realiza em Ohião, realizamos dois comboios especiais entre Faro e aquela localidade. Um parte de Faro ás 14 horas e o outro de Ohião ás 17 e 20, sendo os preços dos bilhetes de ida e volta em 2.ª e 3.ª classes, respectivamente de 3520, e 2520.

«RUTHER»—E' um preparado científico que usado diariamente evita a queda do cabelo e combate a caspa.

A' venda na Drograria Portugal, Avenida Almirante Reis, 65, F.



Automoveis sem chauffeur
Alugam-se. R. Andrade Corvo, 6

Mundanismo

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

Condessa de Linhares, D. Lidia Schindler Franco de Castelo Branco, D. Maria da Assunção Perestrelo de Matos, D. Joana Sara Perestrelo da Camara de Serra e Moura, D. Alda de Matos Ferreira de Castro, D. Lucia Adelaide Cardoso de Meneses (Margaride), D. Leonor da Silva e Noronha (Veigas e Valadares), D. Maria João Coverley, D. Maria José Burnay, D. Maria da Conceição da Rocha Peixoto Veloso, D. Elvira Alcobia Ferreira, D. Maria Emilia Helena Ricoco, Teixeira Botelho e D. Brigida Casalima Tasso.

RECITA DE HOMENAGEM

Continua hoje as dezasseis horas de horas, no «hall» do teatro da Trindade, a troca dos cartões provisórios pelos bilhetes definitivos, bem como a venda a arulão, para a recita elegante que nesse teatro se realiza na noite da segunda-feira proxima, em festa de homenagem da empresa José Loureiro, aos cronistas mundanos e nossos camaradas Vasconcelos e Sá e Mota Marques.

PONTOS DE REUNIAO

Assistência elegante à estreia do novo programa, neste aristocrático «cinema» da rua Antonio Maria Cardoso:

Senhora de Teixeira Soares, viscondessa de Tojal, D. Berta Ortigão Ramos, D. Luiza Deslandes Blanch, D. Amelia de Vasconcelos Porto de Vilhena, D. Maria Berta Ramos de Castelo Branco e filha, D. Maria da Conceição de Moraes Sarmiento Cohen, D. Margarida Deslandes e filha, D. Maria Izabel Ortigão Ramos Jorge e filha, D. Maria Luiza de Vasconcelos Porto Felles, D. Elias Carneiro Bordoal Pinheiro e filha, D. Anaclia Dias Martins, D. Amelia Santa Rita Gomes Neto e filha, D. Ludovina Soares de Albergaria Diniz, D. Maria Cohen Espirito Santo Silva, D. Maria Amelia da Costa Barros Serra, D. Maria da Nazaré de Almeida de Carvalho Daun e Lorena, D. Maria José Lobo da Silveira Blech, D. Eliza Talone Ferreira, D. Rosa Barroso de Matos Old e filhas, D. Lucilla Machado da Cruz Clineiros Ferreira, D. Ester Machado da Cruz Oliveira Duarte, D. Beatriz Santa Rita Nunes da Silva, D. Maria Gomes Barbosa e filha, D. Palmira Lucas Torres, D. Candida Ribeiro Lopes, D. Maria José Gonçalves Ribeiro, D. Maria da Gloria Vaz Monteiro da Silva Avelar, D. Maria Amelia Lucas Torres de Farinha, D. Maria Clotilde de Vasconcelos Alves de Azevedo, D. Maria da Piedade Penalva de Almeida e Vasconcelos, D. Marcela Bernesaud Caloia, D. Graziela Branco Santa Rita, D. Maria Emilia Allen de Vasconcelos e filha, D. Mavid Cohen Fervereiro, D. Alice Abolim Borges Oliveira Pires, D. Maria das Dores Mourão, D. Virgínia Lopes da Silva, D. Corina Rosa Lima, D. Estrela de Carvalho Papium, D. Maria José de Sousa Viegas, D. Maria Helena Pereira Kulberg, D. Paulina Clemente Pinto, D. Laura Pinto, D. Izabel Lallemand, D. Maria Cecília Lopes de Almeida, D. Maria Izabel da Silva, etc.

DOENTES

Na casa de saúde da Estrela foi operada com muito êxito pelo hab. cirurgião dr. Bastos Gonçalves a sr.^a D. Aurora Soares Ribeiro.

«RUTHER»—Preparação esmerada muito agradável e perfumada. O renovador «RUTHER» é o tonico mais aconselhavel para restaurar e embelezar o cabelo de V. Ex.^a

A venda na Drogaria Açoreana, de Ferreira & Ferreira, L.da, Rua da Prata, 99-101.

Prefira a «CHIC» para os seus almoços e jantares, e verá que todo o serviço lhe dará inteira satisfação.

Linda casa

Magnifico rez-do-chão, com 20 amplas divisões e todas as comodidades modernas, em prédio de luxo situado no Campo dos Martires da Patria, 11—Renda 1.500\$00.—Trata-se na Rua Augusta, 89, 1.^o.

Companhia Carris de Ferro de Lisboa

Construção de um muro
Esta Companhia recebe propostas, em carta fechada, até ás 16 horas do dia 22 do corrente, para a empreitada da construção de um muro de vedação, nos termos das condições do **CADERNO DE ENCARGOS**, que se encontra patente nos seus escritórios, situados na Estação de Santo Amaro, das 10 ás 12 e das 15 ás 17 horas. (Sábados até ás 12 horas).

Lisboa, 14 de fevereiro de 1935.

A Direcção.

D.K.W.

Consumo: 6 1/2 litros
Preço desde
Esc. 21.000\$00
aos 100 kilometros
Velocidade:
90 K.ºs á hora

Em exposição e para demonstrações
STAND MODERNO

13-A. — R. Actor Taborada, 13-B. — Tel. 42350

Sindicato Nacional dos Conferentes Marítimos do Distrito e Porto de Lisboa

Rua de S. Paulo, n.º 104, 1.^o

Em cumprimento de ordens dimanadas do digno presidente da mesa convidado todos os sindicatos do arquivem-se em assembleia geral nos termos do artigo 18.º dos estatutos, no proximo dia 18 de Fevereiro, pelas 20 horas, scado a ordem dos trabalhos:

- 1.º — Resoluções a tomar sobre um syndicado;
- 2.º — Apreciação e discussão do relatório e contas da Direcção, referentes a 1934;
- 3.º — Eleição dos corpos gerentes para o exercicio de 1935.

Não havendo numero sufficiente, fica desde já convocada para o mesmo dia, pelas 21 horas. Lisboa, 16 de Fevereiro de 1935.

O 1.º Secretario
José Rosa Fernandes

CARTAZ

TEATROS

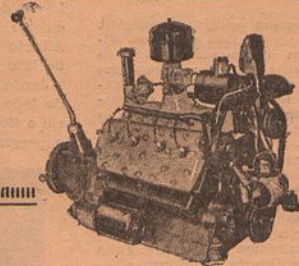
Nacional—A's 21 e 30—«Cinco Lobitos». Avenida—A's 21 e 30—«O meu crime». Apolo—A's 20 e 30 e 22 e 45—«Zé dos Paçotes».

Maria Vitoria—A's 20 e 45 e 22 e 45—«Yiva a Follia». Variedades—A's 20 e 30 e 45 e 22 e 45—«No bre Povos». Coliseu—A's 20 e 30 e 22 e 30—«Companhia de Circo».

CINEMAS

S. Luiz—A's 21 e 30. Tivoli—A's 21 e 30. Politeama—A's 21 e 30. Condes—A's 21 e 15. Central—A's 21 e 30. Olympia—Das 14 e 30 ás 24. Chiado Terrasse—A's 21 e 15. Capitolo—A's 21. Royal-Cine—A's 21 e 15. Palacio—A's 21 e 30. Odeon—A's 21 e 15.

Jardim Cinema—21 e 30—Av. Alvaros Cabral. Eden-Cinema—R. do Alvito, a Alcantara. Paris Cinema—20, 45—R. Domingos Sequeira. Sport Lisboa e Benfica—Secção cinematografica—Av. Gomes Pereira—Benfica.



A supremacia do V-8

baseia-se em factos e records

Há coisas neste e naquele automóvel que são discutíveis porque dependem da opinião pessoal; mas, quando se trata dum motor, então ficamos frente a factos concretos, como são a sua força motriz e a sua aplicação. Noutras palavras, V. Ex.^a tem a potencia dum V-8 ou não a tem.

A experiencia e os records de velocidade e resistencia estão todos a favor do motor V-8. Não é preciso basear-se em palavras, pois os triumphos do motor V-8 falam muito eloquentemente. Na terra, na água e no ar, este tipo de motor ostenta os mais importantes records mundiais e para obter mais uma prova de

tão indiscutível supremacia reparaí como passam os Fords.

Não é a diferença entre a côr verde ou preta da carroçeria, os estofos dêste ou daquele material, senão uma diferença muitissimo mais importante, que se refere ao desenho basico do motor. Só o V-8 lhe pode proporcionar a potência, velocidade e suavidade que lhe são características.

Naturalmente que custa muito mais caro fabricar um motor V-8, mas o genial Henry Ford tem feito o necessário para poder oferecer este magnifico motor num automóvel elegante a preço facilmente acessível.

Já confrontou os novos preços do Ford V-8?

Ford Lusitana - Rua Castilho - Lisboa - Agencias em todo o Pais

Escrita á Maquina

Ensino individual, no nosso escriptorio. Habilitação completa a 1000...

ESTRANGEIRO

Baile

Os mais lindos penteados executa o cabeleireiro do Rossio, 93, no 2.º

OS ACORDOS DE LONDRES

A opinião de Chamberlain

LONDRES, 16.—O ministro das Finanças Chamberlain, num discurso que pronunciou ontem, declarou que a Alemanha dera uma resposta favorável e acolhera, de modo que parecia bem sincero, os esforços do governo britânico para negociar com os signatários do Tratado de Locarno um novo acordo acerca da questão aerea.

O ministro britânico referiu-se depois á necessidade de aumentar os serviços de aviação sobretudo nas carreiras comerciais. Chamberlain declarou ainda que era necessário não dar credito ás notícias de recomposição ministerial que têm corrido ultimamente.

A impressão em Roma

ROMA, 16.—Os circulos politicos Italianos parecem sentir, antes da publicação da resposta alemã, certa desconfiança devido ao habitual caracter dilatorio de todas as respostas do Reich. No entanto, o conteúdo da nota trouxe certa tranquilidade aos espiritos.

A attitude da Polonia

VARSOVIA, 16.—Os circulos politicos consideram a resposta alemã como o inicio de grandes negociações internacionais com o Reich. A opinião geral é que não chegou ainda o momento da Polonia ter a palavra.

A independencia da Lituania

KAUNAS, 16.—Celebraram-se com grande aparato as comemorações do 17.º aniversario da reconstituição do Estado da Lituania. As festas de caracter popular foram largamente concorridas.

O problema da India

LONDRES, 16.—Devem ser publicadas em breve as novas instruções para o governo geral e governadores de provincia da India, segundo a nova lei de reforma constitucional daquele Dominio.

Um presente para Hitler

BERLIM, 6.—O presidente do Congresso da Biblia, que se encerrou recentemente entregou a Hitler uma máscara mortuaria e o «fac-simile» de um autografo de Lutero.

«RUTHER» — Produto científico e energico para a cor, vitalidade e beleza dos cabelos, inofensivo agradavelmente perfumado e de efeitos garantidos. O melhor regenerador para todas as doenças do couro cabeludo.

A venda na Drograria de Ricardo Godinho—Rua da Atalaya, 191—191-A.

Bebam a famosa CANA IMPERIAL

á venda nos Cafés, Bars, Restaurantes, etc. DEPOSITARIOS: A. L. Simões & Pina Lta.—Rua das Flores, 22 Tel. 21850

A. GUERREIRO

da Escola Dentaria de Paris Tel. 2 0974 Rua de S. Paulo, 26

Quintão, L. da (Decoradores)

Apresentam mobiliario moderno para todas as applicações. Estofos, cortinados — Bêbelots, candieiros AS MAIORES NOVIDADES RUA IVENS, 44—LISBOA TELEPHONE 28089

UM MONUMENTO A DRUSUS

o general romano que conquistou a Germania

BERLIM, 16.—Os jornais referem-se ao projecto de substituição do monumento ao trovador medieval alemão Walter von der Vogelweide, que se ergue em Bolzano, por outro, de Drusus, já oferecido pelo Duce aquella cidade. Depois de frisarem que a Imprensa Italiana classifica o monumento ao poeta de simbolo do pangermanismo, dizem que o filho adoptivo do imperador Augusto está longe de significar o que em Italia se pretende: o conquistador da Germania.

O debate toma um aspecto interessante, no momento em que tão graves questões internacionais se discutem. Drusus foi um corajoso general—referem—que resolveu fazer da Germania uma provincia romana, depois de ter conquistado a Gallia. Mas Drusus foi batido nas margens do Elba e veio a morrer de febres. Augusto renunciou á empresa e 18 anos mais tarde Arminio definitivamente os romanos na floresta de Teutoburgo. Assim, concluem alguns orgãos—Drusus não foi um conquistador, apesar de todo o seu heroismo e do seu genio militar, mas a victima de uma politica cega.

Fawcett ainda vive?

LONDRES, 16.—Volta a falar-se no coronel Fawcett, desaparecido ha anos nas florestas de Mato Grosso. Um habitante da ilha de Jersey, na Mancha, recebeu uma carta do Brasil, enviada por um amigo, que lhe diz ter visto ha quatro meses o famoso explorador, pois tem uma fazenda proximo do local onde Fawcett se encontra. O signatario da carta diz que o coronel vive no meio dos indios Beacaerls, que são pacificos. Acompanha-o um botânico escocês, que lhe disse que Fawcett explorou completamente o rio Madeira e que vai estudar mais três rios.

UM INVERNO RIGOROSO

Desastres graves na Jugoeslavia

BEGRADO, 16.—Devido á neve, o Monte Negro e o Erzegovina estão pela segunda vez neste inverno, completamente isolados do resto do país. As avalanches e as tempestades têm causado muitas mortes. O numero exacto ainda não se sabe, mas deve exceder 50. O movimento ferroviario na Bosnia está completamente interrompido.

A expedição ao Amazonas num barco espanhol

VALENCIA, 16.—Com a assistência do presidente da Republica, sr. Alencá Zamora, e outras altas individualidades, foi lançado ao mar com toda a solemnidade o novo barco «Artabro» especialmente construído para a expedição que o capitão Iglesias conta realizar brevemente ao Amazonas.

Quere a sorte grande? Habilita-se na Tabacaria MADRID Rua do Mundo, 115

Todo o automobilista deve divulgar a noticia sensacional de 1935

GRAHAM

apresentará dentro de poucos dias um carro pequeno modelo utilitario

Motor de seis cilindros em tudo igual ao dos modelos grandes, mas de pequena cilindrada, travões hidraulicos, etc. O novo modelo pequeno é mais barato só por ser mais pequeno, mas a mecanica e a apresentação são as mesmas dos grandes. Consumo controlado e garantido 12 litros aos 100 kms.

O preço é comparavel aos dos carros americanos de custo moderado J. Coelho Pacheco — 90 a 94, R. Braamcamp

O PROBLEMA DA AUSTRIA

Um discurso de Starbemberg contra a união á Alemanha

VIENA, 16.—Numa reunião da Frente Patriótica, que se efectuou ontem em Graz, o vice-chanceler príncipe Starbemberg declarou mais uma vez que o governo se mantem e manterá fiel á politica proclamada pelo chanceler Dollfuss: a dum Austria alemã, independente e cristã-social.

Acreditou que, embora não seja pacifista, não cre que se possa realizar um longo trabalho fecundo e são por meio de complicações guerreiras, porque, sob o ponto de vista moral, só considera justificado o emprego das armas quando se trata de nos defendermos ou defendermos a nossa existência.

«Sei—declarou—que em qualquer circumstancia aumentará a influencia da Austria, pois será essa a unica maneira de se resolver o problema europeu». Houve um tempo em que ele proprio era de opinião que todos os alemães deviam incorporar-se numa unica unidade, mas hoje é preciso acabar-se com a ideologia do Anschluss. Devemos afirmar perante o mundo inteiro que queremos continuar austriacos, que queremos uma Austria eterna—livre, soberana e independente. Seguidamente, frisou que ninguém se pode opor a que importantes «grupos do povo austriaco empreguem os maiores esforços para conseguir ter de novo na Austria um soberano da familia dos Habsburgos. «Esses nucleos, porem,—afirmou—têm o dever de adaptar a sua actividade ás circumstancias, de modo a não prejudicar os interesses da Austria».

A queda do trimotor inglês

Como se deu o desastre

LONDRES, 16.—O couraçado inglês «Durban» parti esta manhã de Malta com destino a Messina, a fim de transportar os cadaveres dos 9 tripulantes do avião trimotor britânico K 3595, que se incendiou ontem perto daquelle cidade italiana. Parece provado que o avião, devido ao nevoeiro, foi chocar, voando a uma velocidade de 180 kilometros á hora, com um monte, incendiando-se em seguida. O K 3595 era um dos maiores hidro-aviões da base de Singapura.

O julgamento de Hauptmann

Os jurados vão exhibir-se em «tournées» pela America do Norte?

FLEMINGTON, 16.—O director dum teatro propôs aos jurados que serviriam no julgamento do alemão Hauptmann, condemnado á morte pelo rapto e assassinio do filho de Lindbergh, tomarem parte numa «tournées» de 12 semanas por todo o país, com o salario hebdomadario de 300 dolares, cada um. Os jurados já se reuniram para discutir esta oferta, mas ainda não deram resposta.

Greve que termina

BONE, 16.—Terminou a greve dos trabalhadores das docas.

As negociações anglo-brasileiras

acerca de assuntos financeiros

LONDRES, 16.—O «Financial News» comentando e relatando sucintamente os resultados obtidos pela missão financeira brasileira desde a sua saída do Rio de Janeiro até á sua chegada a esta capital, diz que até agora não se recebeu qualquer comunicado official acerca das negociações realizadas por aquela missão, em Washington e Nova York, o que é para estranhar, embora se saiba autorizadamente que se malograram por completo os desejos da referida missão de obter dos banqueiros neorquinos um emprestimo de 21 milhões de dolares.

O mesmo jornal acrescenta que o consorelo de banqueiros britannicos, nas conversações que vai realizar com a missão brasileira, exigirá que se estabeleça um cambio fixo para o mil réis brasileiro em relação á libra esterlina e que o governo brasileiro promulgue um decreto extinguindo as regalías que são concedidas aos compradores do café, com manifesto prejuizo dos compradores de outras mercadorias brasileiras.

O «Financial News» termina os seus comentarios dizendo que o governo brasileiro tem toda a vantagem em fixar o cambio de mil réis, pois os importadores britannicos começaram imediatamente a comprar mais mercadorias brasileiras, especialmente algodão e frutas, e que está convencido de que as conversações anglo-brasileiras serão coroadas do melhor éxito.

Um furacão no Texas

NOVA YORK, 16.—Um furacão fez grandes estragos no Texas e na Luisiana. Numerosas cabanas de negros foram pelos ares, e muitos desgraçados morreram. O numero de brancos que pereceram eleva-se a 20.

As festas da coroação de Jorge V

LONDRES, 16.—Os theatros, «musicals» e cinemas de Londres, durante as festas do aniversario da subida ao trono do rei Jorge V, darão representações absolutamente gratis aos desempregados e suas familias.

O Japão e a Manchuria

TOQUIO, 16.—Informa a Rengo que o imperador da Manchuria visitará oficialmente o Japão em 5 de abril.

Qual é afinal o melhor...

Só V. Ex.ª nos poderá responder, experimentando os suculentos almôços e jantares e os pratos originaes de especialidade que se preparam diariamente no velho Café Restaurant Suíço. Servindo-se no Sabado — Feijoadá á Asturiana, Domingo — Spaghetti á Calabresa.

SUM E' o melhor limpa metais

CAMBIOS

Table with columns: CHEQUE SOBRE, Compra, Venda. Rows include London, Paris, Madrid, New-York, Zurich, Berna, Bruxelas, Amsterdão, Berlin, Praga, Rio de Janeiro, Libra ouro.

Henrique de Barros Gomes

Corretor official da Bolsa de Lisboa Tel. 2 5462 Rua S. Julião, 69

Cassiano Neves CLINICA MEDICA CONSULTORIO Praça de Camões, 6, 1.º—Consultas ás 16 horas

Bailes de Carnaval

Grande entusiasmo, pelo Cadeado de baile, d'homem e senhora que está a venda na: Sap. Inglesa Lt. Il. Prata, 180 Sap. Lhame nos mais recentes modelos a 80 e 85\$00.

ULTIMAS NOTICIAS

ODEON — ás 21,15

A Dama das Camélias

PALACIO — ás 21,30

A conquista de Hollywood e As fronteiras do amor

Os aviadores Codos e Rossi

levantaram vôo em direcção ao Rio de Janeiro

ISTRES, 16.—Codos e Rossi levantaram hoje vôo ás 6 e 36 para um «raid» directo Istres-Rio de Janeiro e posteriormente Istres-Buenos Aires.

O «Joseph Lebriz» descolou em 40 segundos, depois de ter feito um percurso de 1.050 metros. Leva 8.400 litros de gasolina e 270 litros de óleo. O avião pesa 8.700 quilos Codos e Rossi tentam estabelecer a ligação postal França-Rio de Janeiro e, se forem bem sucedidos, prosseguirão o «raid» no intuito de bater o seu próprio «re-cord» mundial de distancia em linha recta.—(Havas)

A marcha do aparelho

MARSELHA, 16.—Os aviadores franceses Codos e Rossi, que esta manhã levantaram vôo do aerodromo de Istres (França) para tentar bater o seu proprio «re-cord» de distancia em linha recta, voaram sobre o Cabo da Nau (Espanha) ás 8 horas, a uma velocidade media de 200 kilometros á hora.—(Havas).

TANGER, 16.—Os aviadores franceses Codos e Rossi, que tentam o vôo directo França-Rio de Janeiro, passaram sobre Tanger ás 13 e 30.—(Havas).

Douglas Fairbanks foi para as ilhas Virgens

SOUTHAMPTON, 16.—Douglas Fairbanks, acompanhado da estrela de cinema Silvia Hawkes, ex-esposa do lord Ashley, partiu a bordo do seu barco de recreio para as ilhas Virgens onde se demorará algum tempo.

Fairbanks, apesar de assediado pelos jornalistas, não fez quaisquer declarações.

Por pessoa intimamente ligada ao famoso actor cinematografico, sabe-se que Douglas, depois de descansar alguns dias nas ilhas Virgens, irá ao Extremo Oriente, onde realizará um filme destinado a causar grande exito em todo o mundo.—(United Press)

Um quilo de ouro abandonado dentro dum taxi

BUENOS AIRES, 16.—A Policia desta capital procura activamente a pessoa que há dois dias deixou no assento dum taxi mais de um quilo de ouro fino, que vale 4.600 pesos. Apesar dos anuncios publicados, até agora não se apresentou qualquer pessoa na Policia a reclamar o ouro encontrado.—(U. P.)

Greves de porteiros, guarda-nocturnos e empregados de ascensores

NOVA YORK, 16.—Os porteiros, guarda-nocturnos e empregados de ascensores desta cidade, resolveram, depois de uma demorada reunião, declarar a greve geral a partir da proxima segunda-feira á noite.—(U. P.)

Evasão dum preso perigoso da cadeia da Figueira da Foz

FIGUEIRA DA FOZ, 15.—Hoje, ás 7 horas, evadiu-se da cadeia da comarca desta cidade o condenado e «capão» Manuel Rodrigues Teixeira «O Petrolino». Não foi encontrado o mais leve vestigio de arrombamento.

Trata-se dum preso considerado perigoso.

A Policia tomou immediatas providencias, tanto mais que se supõe que o fugitivo tenta qualquer vingança em pessoas de familia residentes na Figueira.

O Porto

pe-lo telefone

«D. Juan» em maus lençois

PORTO, 13. Concluidas as investigações acerca do roubo de joias e papéis de credito de que foi vítima D. Aralinda Santos, seguiu hoje para Lisboa, acompanhado pelo agente Anacleto, da P. L. C., o soldado desertor Raul Fidalgo.

O agente é portador de todas as joias e valores apreendidos ou voluntariamente entregues pela actriz Vanise Meireles e pelas coristas Ilda e Ibrantina.

O caso da Associação de «foot-ball»

A P. I. C. averiguou que as acusações dirigidas á Associação Foot-ball do Porto, de ter locado F Assistência em 13 contos, era verdadeira.

Assim, aquella Associação vai ser intimada a entrar com a referida importância e a justificar a sua attitude.

Desafio entre jornalistas e actores

No campo de «football» Club do Porto, realizou-se esta tarde um desafio amigavel de «fooballs», entre actores e jornalistas.

Registá-se a maior enchente da época. A entrada foi por convites, devendo a assistência ter andado por 30.000 pessoas.

Na primeira parte, os actores jogaram bem e meteram 2 a 1.

O jogo terminou por 3 a 2 a favor dos actores.

Arbitrou o actor Vasco Santana.

O comunismo na Holanda

AMSTERDAM, 16.—A Policia, numa batida que realizou a diversos pontos da cidade, prendeu mais de dez comunistas que andavam a distribuir folhetos de propaganda subversiva.

Na residência dos comunistas presos foi encontrada grande quantidade de armas, munições e documentos de grande valor para as autoridades holandesas.

Os comunistas, depois de largamente interrogados serão enviados para um campo de eraballo, onde permanecerão até que as autoridades lhes dêem outro destino.—(United Press)

Uma cena de tiros no bairro da Liberdade

(Continuação da pagina central).

A testemunha:

—eram espingardas diferentes.

O juiz:

—Viu alguém fóra da quinta disparar tiros?

A testemunha:

—Ouvi as detonações mas não sei quem, fóra da quinta, disparou as armas.

A uma instancia, a testemunha declarou que não viu o reu falar com o guarda 1277, e não notou qualquer companheiro deste, entre o povo amotinado.

Travou-se, a seguir, vivo dialogo entre a presidencia e a Fernanda de Almeida, acerca de algumas divergencias que se notam no seu depoimento.

As 15 e 30 os trabalhos foram suspensos por meia hora.

Reaberta a sessão começou a depór o sr. Manuel Pereira, cujo depoimento é aguardado com bastante interesse.

O julgamento «não termina hoje.

Aberto até ás 24 horas RESTAURANT ROM Rua do Mundo, 100 a 104 Ampla Sala de Jantar Luxuosos gabinets no 1.º andar Telef. 24.773 Recebem-se Genéras

A mãe de Hauptmann

vai aos Estados Unidos

pedir clemencia para o filho

KAMENZ (Saxonia), 16.—A senhora Paulina Hauptmann, de setenta anos de idade, mãe do carpinteiro alemão que foi recentemente condenado á morte em Flemington, por ter raptado e assassinado o bebé Lindbergh, declarou que está disposta a todos os sacrificios para salvar a vida de seu filho.

A mãe de Hauptmann começou a desafiar-se dos seus parcos haveres, a fim de poder arranjar o dinheiro necessario para a passagem até aos Estados Unidos, onde conta obter o perdão para seu filho.

Telegrafou hoje ao presidente Roosevelt, pedindo-lhe clemencia para Bruno Hauptmann e que empregue todos os esforços para que ele não seja executado durante o prazo de dois meses.

A senhora Paulina Hauptmann escreveu hoje pelo correio aereo uma longa carta ao governador de Nova Jersey, rogando-lhe que aguarde a sua chegada, pois tem importantes esclarecimentos a dar acerca do crime pelo qual seu filho foi condenado.

A mãe de Hauptmann, interrogada pelos jornalistas, declarou que está convencida de que seu filho não foi o assassino do pequeno Lindbergh e que um coração de mãe nunca se engana. Acrescentou que, embora tenha de pedir esmola para completar o dinheiro necessario para pagar a passagem até Flemington, realizará o seu objectivo e conseguirá pelo menos arrancar seu filho da cadeia electrica. «Apesar da minha avançada idade», disse—«os tormentos e cansanças não me assustam quando se trata de salvar o tesouro mais precioso que fecho no mundo.»—(United Press)

Incendio numa granja

Desejos de animais carbonizados

FREEPORT (Illinois) 16.—Um violento incendio destruiu uma importante granja desta cidade, pertencente a um rico italiano. Morreram carbonizadas dezenas de bois, carneiros e milhares de galinhas.

O proprietario de granja possuía um dos melhores aviarios norte-americanos. Os prejuizos materiais causados pelo fogo elevam-se a milhares de dolares.

A Policia suspeita que o fogo fosse lançado criminosamente pelo facto das chamas terem irrompido, simultaneamente e com grande violencia, em diversos pontos da granja.

O «sheriff» nomeou uma brigada especial de agentes para tratar do caso.—(United Press).

Quadriha de gatinos chefiada por uma mulher

Esta delida nos calabouços do Torel uma mulher chamada Netheria de Jesus, que já conta no seu registo policial várias prisões por furto, tendo chegado a ser suspellada de confidencia no crime de que foi vítima, na rua 29 de Abril, a governante Maria Joana.

Desta vez foi presa num 4.º andar da rua do Passadico, onde se tinha introduzido por meio de chave falsa.

Segundo os agentes Campino e Mario Leal, a Norberta de Jesus chefia uma quadriha de gatinos, dois dos quais, Francisco Antunes Novo e Augusto Tavares Sequeira, foram presos tambem.

Quere a sorte grande? Habilite-se na Tabacaria MADRID Rua do Mundo, 115

MAXIM'S HOJE — Sabado, 16 BAILE DE MASCARAS

Varietes por OFÉLIA MORÉ e CARMEN SANCHA — ORQUESTRA VICTORIA

As fugas do «Sargento Bera»

e as investigações policiais

acerca das suas façanhas

O famigerado «Sargento Bera», está incompreheavel nos calabouços do Torel, visto continuar a negar que tenha sido o autor da agressão a tiro de que foi vítima o guarda Julio Dias, da Policia de Segura. Este continua no hospital de S. José, mas felizmente livre de perigo.

O preso confessou que efectivamente, nas vespéras da sua fuga andava munido dum pistola «Savage» que lhe fóra oferecida pela mãe dum sua namorada, mas que essa a atirou para dentro de uma quinta não se recorda onde.

Ora a pistola com que foi ferido o guarda civico é, precisamente uma «Savage», e todas as indicações colhidas pela Policia, directamente e junto de testemunhas, levam a crer que a arma abandonada no local do crime seja a mesma que a mãe da tal namorada do «Sargento Bera» lhe entregou para consertar.

O guarda civico ferido diz que foi o «Sargento Bera» quem o agrediu, e acrescenta que o conhece muito bem. Amanhã deve ser feita uma acção de reaccção entre ambos.

O chefe Amado e os agentes Sequeira, Neves e Mira eal têm ouvido varias pessoas que foram vítimas do gatinho, o qual tem registados no respectivo cadastro nada menos de sete fugas «oficiaes».

Em 20 de março, de 1931, evadiu-se de cadeia de Monsanto. Em 24 do mesmo mês foi preso. Em 25 de maio voltou a fugir. Um mês depois foi preso em Setubal. Voltou a fugir da cadeia de Monsanto para onde o levaram. Dois anos depois foi preso em Cascaes e recolheu á cadeia. Cinco dias depois tornava a evadir-se. Mezes depois foi preso e entregue ao presidio militar da Trafaria.

Nas vespéras do Natal pediu ao comandante da prisão que o autorizasse a passar a noite com a familia, garantindo que no dia seguinte ás 9 horas se apresentaria. Foi-lhe indeferida a pretensão. Pois, nessa mesma noite evadiu-se. E no dia seguinte apresentou-se ao comandante do regimento, nestes termos:

—Meu comandante: venho apresentar-me á prisão para lhe provar que sou um homem de honra.

Um mês depois evadiu-se da Trafaria para não mais voltar ali. Tornou, porém, a ser preso dando entrada desta vez, no presidio de Santarem, onde esteve 58 dias.

Até á hora em que escrevemos não consta que se tenha evadido dos calabouços do Torel.

O chefe Amado recebeu hoje uma misteriosa carta, tarjada de luto aliado, com cinco fotografias de individuos que são apontados como temiveis gatinhos.

O autor da carta promete fazer revelações importantes aos investigadores.

PARA OS NOSSOS POBRES

Para os pobres necessitados de agasalhos recebemos dum anonimo quatro cobertores de papa, que muito agradecemos.

O CAFE «OHIO» serve optimos bifes e esplendido café á chavena.

Lanches para casa mentos PATISSERIE VERSAILLES

No São Luiz: Um filme de grande classe

O INIMIGO PUBLICO N.º 1

com CLARK GABLE, WILLIAM POWELL e MYRNA LOY

Diário de Lisboa

Suplemento literario

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA—Telefone 20271

O SATANISMO EM PORTUGAL

A tragedia de Gomes Leal

Da negação á conversão religiosa

Esta carta sem data, amarelecida pelo tempo, erigida de erros de ortografia e escrita num papel vulgar, talvez á mesa de algum botequim, é um dos últimos lampejos do espirito do poeta.

Deve ter vinte e cinco anos, e dirigiu-a Gomes Leal a Luiz Montalvor, poeta como ele, cuja sensibilidade e generosidade calam ainda hoje o favor que lhe prestou. Tem o orgulho de quem sabe aceitar como um rei o tributo da sua grandesa, mas no entanto adivinha-se nela um ressaibo de amargura e de ironia. Ha palavras de dor que a amizade sincera torna mais vivas, mais cruciantes. Sente-se que Gomes Leal, já fustigado pela desgraça, não espera da existencia senão o que a sua alma lhe pode dar: ternura.itava, então, na fase mais dolorosa da vida. Encaminhava-se da negação para a creença. O poeta que arremessara ao trono e á igreja os seus alexandrinos de ouro, num fogo intenso de barragem, regressa lentamente á religião, vergado de duvidas, quem sabe mesmo se de remorsos, embora o problema não esteja ainda resolvido claramente na sua consciencia. E, no entanto, essa conversão que fez correr tanta tinta envenenada, tantos anatemas e lsonjas, de bocas igualmente crapulosas, estava escrita na sua obra, desde as «Claridades do Sul», legenda mística duma alvorada espiritual.

O poeta do «Anti-Cristo»—era cristão.

No seu odio veemente perpassava a centelha do amor, lizizada de rimas, esclarecendo em relampago, na treva da consciencia, a senda que se perdera. Gomes Leal nem sequer lutou para se entregar a Deus.

Aceitou o prometido, o visionado. Simplesmente obedecendo ao ambiente da época, quiz ser na missa negra do lirismo de então, forçando a sua sensibilidade, a sua ancestralidade, o mago do satanismo em Portugal. Daí o seu erro. Se Beaudelaire, o das «Flores do Mal» foi sincero, tragicamente sincero na sua obra, produto natural do meio, bolha putrida de gás em metanas deletérias duma literatura tão corrompida, como desvaivada,—Gomes Leal mentindo aos seus deuses, á voz do sangue, ao imperativo da ascendencia, e ao espirito poetico da raça, eterno rouxinol emmarado de Bernardim, cantando Indias de saude, procurou adaptar-se á escola satânica, excedendo-lhe os moldes e os temas á força de violencia, de impiedade e de fustigante profanação. Esquecia, apenas, que escrevera as «Claridades do Sul» e que a existencia é como as rotas dos navios—uma linha ideal que quando se perde dá naufragio.

Não, Gomes Leal não podia ser um satânico. A escola mesmo trabalhada por um genio, fora do seu clima, devia ser sempre como o foi em Portugal: disforme, exagerada, cheia de aberrações, excedendo o nosso plano emotivo.

Meu prezado Amigo:

Recebi agora a sua carta e juntamente com ela o seu favor.

Eu sei de ha muito o que é o Egoismo Humano, e todos que como o meu amigo estão livres de se assemelharem aos egoistas, devem cem vezes por dia agradecerem ao «Supremo Consciente» a egregia graça de não haverem jámais sacrificado nas aras monetarias de «Besta de Ouro». Os poetas, meu amigo, isto é, os sinceros e sentimentais, têm sempre as mãos e os corações lavados do sangue implantado nos altares do grande capricornio com chavelhos dobrados! O meu, caro poeta, está neste caso. Nada tem com eles, e nada tem de comum com eles. Eu também tenho sido assim, é verdade de que não sou milionario nem senador, mas também ninguém tem como eu ás vezes um ceu aberto de clemencias, sorrisos e infantilidades para os humildes e pequeninos, meus amigos e meus irmãos. Durmo e ressono como um justo porque ainda que não sou, nem serei nunca, espero-o bem, as delicias da Parvoia, como Tito foi as delicias de Roma, considero, como ele perdido o meu dia, quando não fiz bem a alguém.

Abraça-o muito contra o peito, o seu irmão das letras.

GOMES LEAL

Como todos os produtos de importância mal assimilados tinha de desaparecer do mercado. Foi o que lhe succedeu. De resto a sua influencia em Junqueiro foi também efemera. Epissodio lirico sem duvida de trulcuenta beleza, mas restrito, cujos sulcos profundos mais tarde ele tentará apagar. O autor dos «Simples», porém,

mais equilibrado, com aquela intelligencia que caracteriza a raça judaica, nunca descendo á rua, embora a aproveitasse, soube apresentar e resolver melhor o seu problema moral.

Enquanto Junqueiro faz a «Oração á luz», Gomes Leal escreve um panfleto. E, no entanto, neste ultimo compreende-se melhor a conversão.



Gomes Leal em 1909

E' mais humana, mais piedosa. Ninguém, seja qual for o racionalismo ou o doutrinário que defende, pode analisa-la sem que sinta o coração estremecer. O seu dramatismo tem alguma coisa de shakespeareano.

Gomes Leal entra na igreja atrás dum calção: o da má. Tem sessenta e quatro anos que para ele não contam, criança sempre duma ingenuidade felmosa, que essa má velhinha, agarrada aos santos, devota em excesso, cumprindo dolorosas penitencias, guia, acarinha, estremece com o amor mais enternecido.

Morre, e Gomes Leal, príncipe de sonho, com o manto de estrelas já esfarrapado, sente-se no meio da multidão que o admira, que o segue, como nas areias dum deserto atormentado de sede: sózinho, perdido, aniquilado. Sobre que regaço ha-de deitar a sua cabeça encandecida, onde os louros da gloria sangram como agudos espinhos, sonhando os dilatados imperios da fantasia? Quem compreenderá aquêle complexo desigual, larvado, alucinado, com tumultuosos clarões de genio que o deformam e paragens subitas de idiotia, que lhe laceram a vis criadora?

Os beljos podem ser iguais, mas as bocas não! Começa, então, o drama. O seu caso intimo é devassado, examinado, e torna-se tanto para uns, como para outros, uma especulação abjecta. Onde devia ter caido o silencio propaga-se o escandalo. O «monstro» não pode chorar, tem de rir, escarnecer. A queda é rapida, fulgurante. O poeta é torturado e, do religiosismo passa ao fanatismo serpe que se lhe enrosca ao corpo, á alma destruindo-os e esfarrapando-os. E no entanto Deus era para ele—menos do que Deus, mas a máil desaparecida, o seu humano fantasma, em mystico idílio. Troca tudo por essa «presença», essa sombra familiar que tantas vezes o guiou, como se guia uma criança cujos olhos não vêem e pode resvalar na boca dum abismo.

De resto estamos convencidos que o ateísmo de Gomes Leal nunca foi sincero, mais precisamente, nunca foi consistente, visto não partir duma convicção scientifica, mas sim dum paroxismo romantico negativista, exasperado pelo sabor da época.

Basta que uma dor, a mais pungente também o dilacere numa tortura promeiaica, para que aflorem do sub-consciente as velhas creenças latentes, bebidas no seio materno, mais veementes ainda pelo «refoulement» de tantos anos. E' um caso nítido de freudismo, exacerbado por uma psicose decomposta. Repare-se, porém, que não interpretamos o Gomes Leal cristão dos primeiros veres, mas o fanatico dos ultimos.

Claro que estas divisões não são absolutas. O individuo não passa abruptamente dum clima moral para outro, mas aos poucos em linhas irregulares de aproximação, de amplitude crescente.

(Vêr continuação na 8.ª pagina)

PANORAMA LITERARIO PORTUGUÊS

José Osorio de Oliveira

manifesta-se contra a paixão politica na apreciação dos valores literarios

—Quais as características da actual litteratura portuguesa?

O Romantismo caracterizou-se, entre nós, pela nacionalização dos temas literarios. Foi essa uma das grandes funções de Garrett e dos seus continuadores immediatos. O nacionalismo literario de então não veio, porém, reagir contra o espirito universalista, mas sim contra a copia servil do Estrangeiro. O movimento romantico perdeu o genio e acabou por se fixar, como todas as escolas, em formas mortas. O que era, em Garrett, um util sentimento nacional, transformou-se, além disso, em patriotismo declamatorio, em narcisismo tradicionalista, em culto exclusivo do passado e em muralha da China, isoladora do Mundo.

—Mas houve uma reacção?
—Tornou-se necessaria uma reacção que actualizasse as formas litterarias de accordo com a Europa, e desse a litteratura um espirito universal. Foi essa, por sua vez, a função de Antero e dos seus companheiros de acção intellectual. Seguiu-se um periodo de excessivo pessimismo sobre o pais, e um certo divorcio do sentimento nacional. Volta a aparecer, porém, um poeta animado desse sentimento das coisas portuguezas: Antonio Nobre. O pessimismo nacional continua, no entanto, a inspirar os nossos escritores (com raras excepções) até que duas gerações paralelas vêm apressar a sua fé num resurgimento do pais e no valor estético das nossas coisas.

Refiro-me á «Renascença Portuguesa» (a que junto o grupo da «Rajada», de Coimbra) e ao «Integralismo Lusitano» (que filio, litterariamente, em Manuel da Silva Galo). Mas vem logo a reacção critica da «Seara Nova», e a tendencia europeia do Modernismo, que começou a manifestar-se no «Orfeu» em 1915, e se afirma hoje na «Presença». Este movimento, «nacionalismo-europelismo» tem dominado a vida litteraria portuguesa de 1925 aos nossos dias.

—Pode definir-se uma escola?
—A tendencia nacionalista tem predominado, embora se lhe devam descontar as obras que, nacionalistas de inspiração, têm, como o «Frei Luiz de Sousa», um sentido humano universal. Mas não há duvida que, tem predominado quando mais não seja em numero. E' claro que esse numero seria reduzido se eu separasse das obras escritas com uma preocupação nacional as obras de puro regionalismo. As obras com um sentido nacional (exemplo: a «Mensagem», de Fernan-

Osorio de Oliveira, com esta sua entrevista, coloca-se num campo literario estritamente neutral. A sua apreciação de valores, embora curta, é feita com dignidade e tem o valor dum ensaio. É essa a característica principal da sua obra. Não ha um romance, um volume de versos. A imaginação pura não o seduz, antes a critica objectiva, fria, racionada, modalidade litteraria tão difícil e de que ha tão poucos elementos entre nós. Osorio de Oliveira apesar de ser um novo—tanto pela idade, como pelo espirito,—conta já uma serie de estudos valiosos. O jornalismo foi um relampago, que não lhe modificou a alta trajectoria intellectual que constituiu a sua carreira.

Deu-lhe mais dextriedade de forma, afinou-lhe as qualidades de observação, e desenhou nele, o exegeta escrutador implacavel do fenomeno litterario, dentro da mais moderna tecnica. Osorio de Oliveira nega o velho conceito de que a critica é destruidora. Pelo contrario, com o seu estio, limpo e brilhante, com o seu pensamento nitido e imparcial, com a sua análise funda de intenções, ele dá-nos um exemplo admiravel de fecundidade criadora, servindo nobre e desinteressadamente as letras portuguezas.

do Pessoa) são muito raras no fim de contas. O que se chama nacionalismo literario não passa, a maior parte das vezes de folclore, predenendo-se ao pitoresco regional em vez de procurar exprimir a alma da nacionalidade. Por o ter feito, Camões conquistou a universalização com uma epopeia nacional.

Sem duvida! Mas o nacionalismo é hoje, até certo ponto uma zona particular da nossa litteratura...

—Já sei onde quere chegar. Estas considerações não tem absolutamente nada que ver com a politica. Penso que defeito principal da vida litteraria portuguesa é a constante intrusão das preocupações politicas na obra intellectual e nas relações entre escritores. Um democrat, um liberal não pode venerar a memoria de Antonio Sardinha, admirar Carlos Malheiro Dias ou Afonso Lopes Vieira, achar que o Dr. Oliveira Salazar escreve bem, ou reconhecer talento literario em Antonio Ferro. Por sua vez, um tradicionalista, um conservador, não pode dar a primazia na prosa contemporanea, a Teixeira Gomes admirar Aquilino Ribeiro ou João de Barros, reconhecer que o sr. Cunha Leal sabe escrever, ou considerar Antonio Sergio como ele merece.

Entendo que se deve reagir contra a interferencia abusiva das paixões, ou mesmo das ideologias politicas, na apreciação dos valores literarios. Em França, por exemplo, não ha nenhum critico das esquerdas—nenhum critico consciente—que negue o primeiro lugar na poesia actual ao católico Paul Claudel. Por outro lado, o doutrinarista e polemista, mais intragente das direitas—Léon Daudet—reconhece o lugar primaricial dum André Gide.

—O critico literario deve ser imparcial, e não ter fillação politica. Estou, mesmo, inclinado a pensar, com Julien enda, que todo o escritor, todo o artista e todo o filósofo deve proceder assim para não traír a sua missão. Mas o homem que assim queira proceder em Portugal, onde todos têm partido, viverá isolado, e será—quem sabe?—odado por todos os sectores da opinião publica. Note que eu não sou contra o facto de cada escritor ter as suas idéas proprias em materia politica, social ou religiosa. Eu tambem as tenho, mas o que acho é que na criação ou na critica litteraria, e nas relações intellectuais, elas não se devem sobrepôr ás considerações de ordem estetica. O patriotismo, por exemplo, não deve impedir a afirmção duma verdade critica. No Brasil, nunca hesitei em dizer o que pensava sobre o nosso momento literario. Ainda há pouco me pediram de Espanha a opinião sobre o ano que findou. Não me considero mau patriota por ter dito claramente o que penso.

—Rejuvenescimento ou crise?
—Não creio que uma nação viva possa decaír, o que se chama decaír, litterariamente. Há periodos de esplendor e periodos mais apagados, mas não porque o genio dos povos siga uma curva descendente inevitavel. Não houve razão alguma para que, de repente, surgisse em Portugal a extraordinaria geração de 70, como não há motivos para a nossa actual pobreza de valores. Por acaso, positivamente por acaso, nasceram na mesma época Antero, Oliveira Martins, Esp. Ramalho Ortigão e Junqueiro. Por acaso, só por acaso, não temos presentemente um nucleo numeroso de homens superiores no pensamento ou na criação litteraria.



CUNHA BARROS

Mortos Raul Brandão e Antonio Tricão, apenas ficou vivo um grande artista da prosa: Teixeira Gomes. Mas esse é o sobrevivente de uma geração que vem de Fialho, e, sendo muito embora o nosso maior estilista, não é um renovador, mas o ultimo representante duma época extinta. O mesmo se pode dizer, na poesia, dos dois ultimos membros da geração simbolista: Eugenio de Castro e Alberto Osorio de Castro. Da geração saudosista só uma figura se mantém de pé, pela persistencia e pelo indiscutível sopro poetico que a anima: Teixeira de Pascoas.

—Quais os valores que aponta?
—Ha valores novos, sem duvida, mas mal se podem revelar porque faltam os editores. O caso do Brasil demonstra que, quando ha editores, os escritores aparecem sempre. Logo que a industria editorial tomou incremento no Brasil surgiram, em quantidade rapazes cheios de talento, alguns deles novissimos. Sei de muitos rapazes portuguezes capazes de produzir obras interessantes e que nem as escrevem por saberem o destino que as espera: a gaveta. Novelistas ou romancistas com José Rodrigues Miguéis, Thomaz Ribeiro Colaço (o da «Folha de parra», João Gaspar Simões e José Régio, se vissemos no Brasil, não só teriam facilmente editor como ganhariam já a sua vida pela litteratura. Mas se os romancistas ainda podem encontrar quem os edite, os criticos, os ensaístas, não sabem absolutamente, como publicar os seus livros. E bastou que Joaquim de Carvalho se lembrasse de publicar na Imprensa da Universidade de Coimbra uma serie de volumes de ensaios de gente nova para que se revelassem, ou afirmassem, alguns criticos de valor, como Victorino Nemésio, Castilho Branco Chaves, Adolfo Casais Monteiro e João Ameal.



Meu marido diz que se apaixonou por mim devido principalmente á minha pele avulhada, encantadora e ao meu fresco rosto.



Mas depois do nascimento do meu bebé, a inquietação e a fadiga gravaram no meu semblante as rugas e as marcas da idade.



Enfim, por conselho duma amiga, experimentei um novo Alimento para a Pele, contendo Biocel. Foi, em questão de beleza, a surpresa da minha vida.



Meu marido diz agora que pareço mais nova do que no dia do meu casamento, e estou absolutamente certa de que ele ama-me muito mais.

A Ciencia sabe agora que é o desperdício do Biocel na pele que faz parecer as mulheres tão enghedadas e velhas. Logo que este elemento vital é restituído aos tecidos, a pele torna-se duma nova e juvenil beleza. O verdadeiro Biocel é extraído de animais muito novos e está agora contido no Crème Tokalon, Alimento para a Pele.

Côr de Rosa, segundo a formula especial do Professor Dr. Stelskal, da Universidade de Viena. Uma pele envelhecida e acabada pode rapidamente rejuvenescer-se, as rugas desaparecem e os musculos enfraquecidos do rosto são tonificados e reforçados. Empregue o Crème Tokalon, Alimento para a

Pele. Cór de Rosa, á noite, antes de se deitar. Ele dá á sua pele, que alimenta durante o sono, o Biocel que restitue a juventude. Vende-se nas perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando na sua terra, pode escrever ao Depósito Tokalon de Lisboa, 88, rua da Assunção, que atende sem demora.

Notas em circulação

ROSA DOS VENTOS

Livros de jornalistas

por Norberto Lopes

A actividade literaria dos jornalistas é escassa, por via de regra—pelo menos entre nós—porque as exigencias da sua profissão, absorvente como nenhuma outra, só muito raro lhes permitem consagrar-se a uma obra que exige estudo, ponderação e tempo para a realizar.

E, no entanto, se ha escola da vida que possa preparar o espirito, aguçar o engenho e enriquecer o cabedal da materia-prima de que se alimenta a «coisa literaria», essa escola é sem duvida o jornalismo. O contacto directo com uma fauna pitoresca que fornece todos os dias o assunto com que se cozinha o noticiario habitual das gazetas, o trato dos homens das mais diversas camadas sociais, a aproximação das misérias e das grandezas humanas—muito mais das misérias do que das grandezas—proporciona-lhes um manancial inesgotavel de tipos e de factos que serviriam perfeitamente a ilustrar a historia comico-sentimental ou dramática dos nossos dias, se aqueles que o podiam fazer estivessem dispostos a escrevê-la e o tempo lhes sobejasse para devaneios literarios.

Dois livros recentes vêm demonstrar-nos que a pena de um jornalista não tem grande dificuldade em se transformar na pena de um escritor e que, contra o que geralmente se supõe, o trabalho de improvisação que o jornalismo diario exige não atrofia as qualidades literarias do jornalista, quando elas existem, nem o espirito profissional deforma a clara visão dos homens e das coisas que é exigida ao escritor, no desenho dos tipos, na pintura dos costumes e no desenho do meio ambiente, sem os quais toda a obra literaria resulta esteril e de nenhuma consistencia.

«O homem dos mil segredos», de Rocha Junior, que ainda ha pouco nos dera um feixe de crónicas deliciosas, de uma ironia e de um espirito critico inigualaveis, é uma novela cheia de observação inteligente e de anotações psicologicas flagrantes, em que a originalidade da fabulação corre parelhas com a pureza transparente do estilo.

«Torel—Norte, 5853», de Artur Inês, é uma novela de outro genero, que o autor classifica com propriedade de «reportagem de ruas», simples, clara e despretenciosa na sua empolgante trama policial, e que tem um parentesco proximo com o proprio trabalho profissional do jornalista.

O que nos interessa, principalmente, na obra dos dois jornalistas-escritores é que ambos procuraram os tipos dominantes das suas novelas no meio em que habitualmente trabalham. Rocha Junior trouxe para o seu livro certas intimidades da vida profissional, desenhadas em caricaturas espirituosas, pintando com as cores admiraveis do seu estilo uma figura de aventureiro que se mascara de jornalista para alcançar fins inconfessaveis. Nós sabemos que o retrato é verdadeiro e, por mais que nos pese, temos de confessar a existencia de exemplares dessa especie entre a fauna heterogenea que todos os dias invade a profissão.

Artur Inês dá-nos o lado simpatico do labor jornalístico, através de um reporter arguto, desempenado, bondoso e um tudo-nada sentimental.

Qualquer dos livros se lê com o maior aprazimento e serve a documentar a indole da nossa epoca, tanto como o espirito brilhante dos seus autores.

NORBERTO LOPES

Amazonas literarias... Analizando a autobiografia de Gertrudes Stein, Guilherme da Torre publica na «Revista del Occidente», uma curta, mas interessantissima nota, em que analisa e define o papel de certas mulheres na literatura e na arte. Foi Rémy de Gourmont quem inventou a expressão «amazona literaria», applicando-a á sua admiradora Natalia Clifford-Barney, escritora americana de alta e nobre intelligencia, que exerceu benéfica influencia na vida do autor das «Promenades Philosophiques». Mas ha amazonas simpaticas, e amazonas muito antipaticas. Pelo menos, que simpatia pode merecer-nos a tremenda Mabel Dodge, que tentou dominar o celebre Lawrence, e que declarou sem a menor hesitação: «Tinha necessidade da sua alma (da alma de Lawrence), da sua vontade, da sua imaginação criadora e da sua visão luminosa». E, como tinha essa necessidade, arrastou o grande novelista do «Amante de Lady Chaterlay» para o Novo Mexico, onde Mabel casara em tempos com um idolo! Ha aqui um excesso de espirito dominador, que chega ao desvario. Gertrude Stein não era assim. Limitou-se a acarinhar os inventores de novas

formulas de arte, um Picasso, um João Gols, e, de modo geral, todos escritores e artistas da época. Em suma, uma mulher de rara sensibilidade e agudo tacto social. Amazona muito aceitavel, e não de assuntar, como as Mabel Dodge, mais numerosas e perigosas de que se julga...

Palavras de George Sorel:

«Pode-se ser bem dotado e não ser um artista verdadeiro... Desprezo o homem de valor real que, para lutar menos tempo—pois o trabalho do artista é uma luta que dura anos e anos—fala uma linguagem vulgar no intuito de que o entendam mais depressa, um grande numero de pessoas, e de ganhar dinheiro mais depressa. Digo que essa categoria de artistas não merece nenhuma sombra de estima, e deve ser exilado da Arte». O famosissimo autor das «Reflexões sobre a violencia», mestre de tanto politico da actualidade, disse á uma coisa profunda, que é sempre bom repetir. Uma das causas do envelhecimento do gosto do publico, não é outra senão o mal preparado, o arranjo descuidado dos manjares que se lhe oferecem. Remar contra essa maré de inercia intellectual não será obra facil. Mas é indispensavel, e cada vez mais urgente.

Nas «Nouvelles Littéraires», o sr. Gaston Picard abriu um inquerito sobre Vitor Hugo, de quem o cinquentenário da morte vai ser comemorado em França. As respostas são curiosas e revelam admiração fervorosa pelo poeta, apesar da recentissima e violenta diatribe que Claude Farrère se

lembrou de publicar contra o autor da «Lenda dos Seculos». «Uma dadia prestigiosa do Ceu á França», diz Tristan Bernard. «Le-se Hugo como se respira», afirma Alexandre Arnoux. «Se Fugo não tivesse existido, haveria um buraco negro, insondavel, na literatura francesa. Que dirá a isso o nosso conhecido Farrère, homem de talento, sem duvida, mas tão infeliz na sua indignação anti-hugoana como o foi no seu romance «O chefe», passado num Portugal de fantasia, e de má, de pessima fantasia, sem a menor duvida...»

No seu numero de 3 do corrente «L'Essor Colonial et Maritime»—o apreciado jornal semanario belga de colonização—insere uma critica muito interessante ao penultimo livro de Alves de Azevedo «Problemas do Seculo XX».

Depois de analisar com intelligencia a posição mental do autor das «Figuras Contemporaneas», o critico do «Essors», que é o conhecido jornalista belga André L'hoist, escreve:

«Grande leitor, polyglota, o autor penetrou a essencia das obras dos melhores pensadores contemporaneos. Com um espirito humoristico bem português, onde sempre se exprime certa melancolia, Alves de Azevedo estuda a crise mundial nos seus efeitos e procura-lhe as causas materiais e psicologicas; expõe com lucidez de mestre as responsabilidades do imperialismo economico americano, os prejuizos da mistica industrializadora dos Sovietes, e a estupidez comecida em 1919 na Europa centro-oriental; faz o processo das teorias que accusam a detenção do ouro por alguns bancos de emissão, reconhece e define finalmente o caracter universal da crise».

Em seguida analisa a mensagem que o livro nos traz e chama a atenção «do talentoso autor português para estes factos, a seu ver decisivos na época demolidora, criada em que vivemos»—conclui.

«M. Alves de Azevedo é tambem escritor colonia, e a sua execução «ad-absurdum» das teorias de internacionalização da Africa é excelente. As numerosas paginas admiraveis do livro são das mais interessantes e traduziremos em breve ur. capitulos».

É sempre animador verificar os justificados dos nossos valores que, se em Portugal não são devidamente apreciados, lá fora são-no sempre.

«RUTHER»—É o melhor especifico para dar aos seus cabelos a sua coloração primitiva.
A venda na Drograria de Costa & Conde—175, Rua da Prata, 177.

ANTOLOGIA POÉTICA SILENCIO

Falam do teu silencio a meu respeito.
Pouco importa. Deixá-los murmurar.
Se o noto é por achar talvez suspeito
que um silencio dê tanto que falar...

Não passa dum inutil preconceito
o que te prende, o que te faz calar.
Mas eu sinto, através do teu despeito,
quantas coisas me diz o teu olhar!

Já não te encanto? Já não te convenço?
Deixa gritar o orgulho imenso,
deixa o teu odio delirar, enfim!

Juiga-me igual a todas as mulheres,
insulta-me, despreza-me, se queres,
mas, pelo amor de Deus, fala de mim!

Virginia Vitorino

FERREIRA DE CASTRO

ETERNIDADE

Acaba de sair nova edição (7.º, 8.º e 9.º milhares) totalmente revista pelo autor

Neste magistral romance são tratados os mais profundos problemas da nossa epoca

1 grosso volume brochado, 12\$00

Encadernado, 17\$00

Pedidos á **Livraria Editora Guimarães & C.ª** — 68, R. do Mundo, 70 — LISBOA

UM CONTO POR SEMANA

Voluptuoso milagre

A Annette, dançases do Européen, este conto, arbitrário de tempo e de lugar.

por **AQUILINO RIBEIRO**

A descer para o lago de Genesaré, com os elardos de Tiberiade no concavo parecendo brincar ao lume de agua, vivia uma mulher que de velha lembrava a meio dos areais eternos o padrão dessa eternidade. Mirrada, aerea, não reparavam nela os ladrões da Samaria e é muito possível que a morte passasse por lá sem a ver. Raro, no traço da sua porta, a pexelira descia a canastra a oferecer o escalo, peixe dos pobres; também as cãfilas nômadas, maltrapilhadas, com filhos e mulheres em carga, em demanda ou á volta da Idumeia, passavam de corrida a fugir ao seu mau olhar.

No lago, ás vezes, velas andavam pairando, tão de manso que nem garças adormecidas; e só nas horas em que subiam da praia no bafo da brisa as vozes dos pescadores: «alá! arrasta! o pesado silencio em volta dela quebrantava.

Nas vizinhanças da Pascoa a velha subia ás dunas a espreitar o horizonte. Cortavam por ali as caravanas que se dirigiam do Alto Jordão para Jerusalem, ora imponentes e rapidas de dromedarios, ora passeiras com gente de pé e de cavallo, camelos de recova e burrinhos patriarcalis conduzindo beata pobre ou viuva seqüosa de purificação. Os pobres das aldeias esperavam-na á borda das estradas e junto das cisternas onde era costume acamparem e por mesa. E muitos, com fero na esmola que os ricos iam largar á cidade santa, metiam de rusga com os arrieiros, resignados ás suas chufas e picardias. Deste modo, rilhando o seu osso e apanhando as migalhas entre as patas das bestas, entrava em Jerusalem o rebotalho das doze tribus. E á porta do Templo, enquanto nos altares rixava o arrioso e farioso e legionarios e ira dos vendilhões que vendiam refrescos e bugigangas de barro em tabuleirinhos de cedro que a ligeira brisa virava.

Enquanto duravam as festas a velha, encostada a uma columna do Templo, estendia a mão exangue. Mas ruim colheita a sua, para uns era uma sombra e não punham reparo nela, para outros os seus olhos tinham uma fixidez hostil que escorraeva.

Pascoa fora, quando os estalajadeiros da Cidade Santa deitavam contas á ganhuça, a velha pegava na sacola a caminho de Genesaré. Vagareza a pelas longas estradas que levam á Gallileia da tribu de Benjamin. Além do peso dos anos, carregava a esmola que, se valia pouco, sempre ganhava vulto á força de pedirto. Queria a sua boa sorte que não topasse ratoneiro, destes que não teriam escrupulo em roubar o camelo do santo homem de Elizeu ou a capa rota de Madoqueo, o pobrezinho, tanto por atalhos desamparados como por veredas batidas. E, leva que leva pelas portas dos rabinos, sempre la tirando para comer.

Uma vez que entrou na sua choça desta longa jornada sentiu grande angustia e correu a dar graças ao Senhor supondo que a levava. Havia-a ele guardado vales e montes do Jordão em fora e nunca deixara de vê-lo. Vira-o em pleno erno na sombra religiosa das palmeiras e no benigno favor dos poços; vira-o nas belas coisas e nas belas criaturas que trazia nas meninas dos olhos, torres e palacios, tendas de mercadores e alcaçarias de Jerusalem formosas nazarenas e principes de Israel esbeltos como elprestes; contemplava a vé-lo dentro da sua casa de adobe e côlmo, obra de leproso ou de profeta; via-o lá fora no deserto de que a tristeza em invariavel desdobre era flor ainda da sua bizarría. Um anjo podia vir buscá-la para a conduzir ao seio de Abraão que não se achava em peccado. Podia vir que não deixava saudades nem tampouco as levava. Nunca amara, nunca fizera sofrer. E se era certo as cortezãs e os publicanos encontrarem por vezes abertas as portas do ceu, ela tão mesquinha da vida, tão desprezível do mundo tinha assento marcado á mão direita do Eterno. Podia morrer em sossego.

E confortada com semelhantes pensamentos se deitou e, dormindo, teve um sonho de fumo mais capcioso que a mirra pura. Voz azeda de profeta falava-lhe o e seu seio ia-se enchendo de confusão:

—Velha, julgas que adoras ao Senhor e blasfemas, nunca fizera sofrer. E se era certo as cortezãs e os publicanos encontrarem por vezes abertas as portas do ceu, ela tão mesquinha da vida, tão desprezível do mundo tinha assento marcado á mão direita do Eterno. Podia morrer em sossego. E confortada com semelhantes pensamentos se deitou e, dormindo, teve um sonho de fumo mais capcioso que a mirra pura. Voz azeda de profeta falava-lhe o e seu seio ia-se enchendo de confusão:

—Velha, julgas que adoras ao Senhor e blasfemas, nunca fizera sofrer. E se era certo as cortezãs e os publicanos encontrarem por vezes abertas as portas do ceu, ela tão mesquinha da vida, tão desprezível do mundo tinha assento marcado á mão direita do Eterno. Podia morrer em sossego. E confortada com semelhantes pensamentos se deitou e, dormindo, teve um sonho de fumo mais capcioso que a mirra pura. Voz azeda de profeta falava-lhe o e seu seio ia-se enchendo de confusão:

seios te entumesceram e as ancas te arredondaram de modo a poderes trazer um Sansão ou um Messias, não foste mulher. Fizeste da falsa virtude barreira contra a verdade e murcharam, entretanto, as rosas do teu rosto e sorvou-se-te o peito como fruto desprezado. Pior que a figueira brava, de que reza a parábola, foste a dormente de que não quer Deus nem o demonio. Por orgulho, o abominavel orgulho da pureza, ficaste rebelde á ordem divina. Infeliz! Olha em volta de tí para o misterio da criação: os seres todos lá vão exactos em cumprir os passos do transitio incompreensível que é a vida, abraçando-se nas nupcias, o mesmo leito de amor derrocando para leito de morte. Agora repara: dentro do conjunto de fatalidades que alegam a criatura sobre o mundo, á criatura pertence a faculdade de escolher o caminho, tomar á direita ou tomar á esquerda, modelar a vontade como o escriba afeição ás letras que não de traduzir os mandamentos da lei. Que uso fizeste, velha, do rôlo que te deram para encher? A's cortezãs deparar-se-á misericórdia no seio de Deus porque sofreram; aos salteadores da Samaria perdão na tua magnanimidade porque



penaram: aos publicanos graças em sua clemencia porque teráo amado e por seus joelhos engatinhado filhos. Não amaste, não odiaste, não geraste, não habituou Deus em tí. E por isso, ó velha mentecapta, ele abomina as tuas preces!

Acordou a pobre mulher e rompeu em choro desfeito. Era a vida que a chamava em vez da morte a levar. E chorando, repêta de tantos e tantos anos saffros como pedra no meio de trigo, pensou suspirosa:

—Ah, se eu pudesse ser outra vez rapariga!

Um dia, á boca da noite, caía o sol detrás dos montes, a velha deixava acochar na soleira da porta. No ceu nuvens pardas, com debrum de purpura, pareciam um acampamento de tendas reais. Tocado pela aragem, o fumo das cozinhas de Tiberiade varria pelos campos rescentes de cedro e tamarindo. Também cheirava a peixe frito e á imaginação da mulher representou-se a mesa dos ricos com o bom azeite de Gaza alumando nos pratos como sol. E estava nisto, chegou-se um mendigo a ela a pedir dormida. Vinha arrimado a um bordão e que era de Nazaré ou seu termo inclucavam-no os cabelos que lhe desciam para as costas em branca juba. Repetiu o pobre Deus a cantilena e ela por vé-lo tão humilde, tão mortinho de fadiga, com cabecorra de jumento, lhe deu pousada, embora não tivesse mais que meia tija de farinha na arca e duas lagrimas de azeite na almofolia. Depois de cearem e renderem graças, alapidou-se o pedinte ao borralho e adormeceu. Manhã cedo, ainda o primeiro macarico não biava na greða do lago, a velha que tinha o sono leve ouviu dizer:

—Santinha, santinha! Está a nascer o sol, são horas de me pôr a caminho. Agora ouve: já que de tão boa mente recebeste o pobre de Deus, o pobre quer deixar-te uma lembrança. Pede por boca...

—Pede por boca—repetiu ela assombrada com

o que via, pois o velho irradiava como a sarça de Oreb.

—Pede—tornou ele—que não pedirás em vão.

Ela sorriu um sorriso que levou tempo a espalhar, pois que em seu rosto nunca alegria ou graça desfranzira as rugas de setenta anos, mas ao clariar que derramava a fronte do homem e ainda por ser aquela uma hora de milagres acreditou de boa fé e respondeu:

—Quero ser rapariga!

Ficou o pobre muito despitado por ela não ter pedido a salvação ou um pêlo da barba de Isaias, mas palavra dada não volta atrás. O ardil, porém, é virtude contra o louco e o borracho e objectou ele:

— Bem, mas para isso é necessario meter-te á forma...

—A' forma...? Que é isso?

—Antes de mais nada tenho de cortar-te em postas, meter tudo numa panela, e depois pôr ao lume a cozer.

Ouvindo anunciar a tremenda receita, deu-se a velha perplexa e confragada de medo. Devêras não lhe causava pavor a morte que chega de improviso e zã! arranca com uma pessoa como lobo com uma cordeira. Mas lá a morte que dá senha á porta, bate e torna a bater, agarra, puxa e farta-se de puxar, irra com a desalmada! Por outra, tornar a florir moça e bonita, star o fio da vida longe, lá atrás, quando certas bocas descalavam a sua boca, havia dita maior! Era esse o seu sonho, o sonho que a cometera ao voltar de Jerusalem, de cuja população em festa, de cujas mocinhas requestadas invejara a febre de viver. Não valia pois a pena aceitar a morte, que all não era o abismo negro, sem ar, sem luz e sem fundo, em que se cal para nunca mais, mas um vau a passar sem dar conta, dumna margem para outra?

A mulher, felizmente, não percebia a filosofia do proprio pensamento—proferiu em voz paternal o velho que parecia lêr a descoberto nos corações.— O pensamento cria, compara, distingue, mas a realidade é uma só e inalteravel. Por onde quer que a tomes é a mesma: por onde quer que a vivas é a mesma; por muito bem que toques sofisma-la, é a mesma, igual, molesta realidade. A mulher, felizmente, não percebia a filosofia do bruxo, e a curiosidade tão feminina de renovar em si o destino decidiu-a a aceitar o lance. Pesava-lhe o esteril passado; pesava-lhe ter deixado a vida em branco como o escriba desmazelado da parábola. Depois, como ouvira certo dia a um levita que apenas se não realizavam os sonhos que não têm formosura, afoitou-se. Ah, mas estaria muito tempo a cozer...?

—O homem abriu os braços em sinal de que a cozedura era condição de muitas coisas que não estavam bem nas suas mãos, e que o melhor...

—Nada, nada, quero ser rapariga e acabou-se. Escusa o meu santo de petar—tornou ella aferrada á sua entrevistista miragem.

Pediu elle então uma vasilha em que havia de operar a sublime metamorfose. Ella que era avizada, apresentou-lhe um pote grande, pancudo e bem assente nas três pernas, em que caberia o sarbubulo dum Golias e em que com a fervura não se perderia osso por mais pequenino que fosse. Mas elle desejou coisa mais jeitosa e maleavel.

Trouxe então a mulher uma anfora, o unico vaso mais que havia em casa. O homem pôs-se a contempla-la; era esbelta como a torre de David e delicada como palmeira nova. No bojo era mais harmoniosa que onda de agua a subir numa cisterna de alabastro; as asas suspensium o boçal ao alto, lembrando mãos a tocar uma fronte com diadema; a curva era lenta, ampla, delirante e sumida como a linha surpreendida á mais requintada voluptuosidade. Toda ella de talho tão exceiso, gargalo alto, fundo estreito, asas tão ativas que a velha, reparando bem, mais assustada ficou. Era milagre que a anfora não tombasse e não se perdesse por lá bocadinho que fizesse falta depois á sua perfeição de rapariga. Mas o homem despotico proferiu:

—Em que ficamos?

E a velha entregou-se cubica de percorrer de novo aquella estrada de que, olhando do alto do seu desejo, como de pinaculo de monarquia para vale coberto de nevada, já não podia divisar as alegrias e as tristezas, a primavera e luto das almas, e todo o temível tropel das tormentas embuscado no tenue goso.

Mal viu o facalho que o feiticeiro sacou da túnica, a velha desmaiou. Quando voltou a si, ao romper o sol dentre os cedros, dizia uma voz por cima dela:

—Salta cá para fora.

Estava dentro da anfora, muito moldada com o barro, mas encolheu-se, torceu-se com imprevista

(Ver continuação na 7.ª página)

Dez minutos com



Eugenio Vieira

Se o mestre dos *Cefetros* deixou discípulos, Eugénio Vieira é um deles. Rebelde, idealista, ai por 1910 gravata negra á Lavalíere voando sobre a vermelha baricada republicana, hoje mais confido e também desiludido, Eugénio Vieira tem sabido construir sem transigir com louvores academicos, nem capelinhas de orago cabotino, uma obra generosa, ardente, insuflada da mais humana beleza. A sua existencia de vagabundo, «pequeno Gorki», como alguém lhe chamou, embora fosse uma dolorosa provação permitiu-lhe observar a vida em todas as suas condições e latitudes. O seu romance *Nôr da Lama*, em traços vigorosos de agua forte, intenso de emoção, ressumante de sensibilidade, sendo como é, uma obra cruel de feição naturalista, tem um fundo redentor de lirismo. E' que ele também canta, alcançando-se dos misterios terrenos, para o céu da poesia, onde vai descobrir imagens limpidas, ritmos brilhantes e palavras de doce oração. O homem é como a obra, bizarro e desigual. Mascara de bronze, ruda, incompleta, que uns olhos cheios de luz espiritualizam, focando horizontes distantes de espiritualidade. Aquella materia espessa — tem alma, fogo. Enruga-se como os troncos de arvores, batidos pela ventania impiedosa, mas por dentro tem seivas puras de sonho, que desabrocham em flores, se um raiozinho de sol as desperta. O «barbaro» fala, com uma voz que regouga:

— Nunca escrevi por dilettantismo, seria odioso, mas por uma necessidade absoluta de reproduzir o que se passa á minha volta e, sobretudo, o que sinto...

— O que o preocupa mais quando escreve?

— A minha personalidade desdobra-se. Sou o eu que escreve e o outro que crio com o sangue e a alma que lhe dou.

— Admirável processo! O de Flahou, Dostolewsky, mesmo de Gorki...

— A sua observação é exacta! São esses os meus deuses intellectuaes. Qualquer deles se pode chamar a verdade! — Tem trabalhado?

— Muito! Dois livros de prosa terminados: *A Mulher dos Cegos* e *a Missa da Morle*, feixes de novelas, algumas largas, que me satisfazem por completo, digo-o sem vaidade, respeitandoo, no entanto, o «veredictum» da critica.

Fala agora o poeta, procurando da a voz agreste lhe obedeça ao ritmo interior:

— E tenho tambem versos! Quando soffro procuro descedentar a alma num banho lustral de lirismo. Então, as rimas confundem-se com as lagrimas. Sinto-as, mas menos ardentes, imolando-se na alucinada criadora.

Tenho cinco volumes: *Liricas, Singelas Hieraticas, Suficas, Visões e Levantina*, os dois ultimos, respectivamente, poesia de expressão filosofica e social, e um poema lirico.

E, com um sorriso:

— Não julgue que sejam demais. Tenho estado calado, mas trabalhando sempre. A minha misantropia, forçosamente havia de evadir-se pela porta de oiro do lirismo. De resto, sabe, tenho uma natural preguica que pode parecer mas não é aversão em tratar com editores.

Nossa Senhora da Morte

A' Senhora Tenebrosa, Desgostosa e Silenciosa, á Inconsolavel Mãe das almas errantes e vivantes, Advogada das tristezas mudas e das lagrimas que correm baixinho, Protetora dos corações viudos e amaldiçoados, Tocha juneraria dos Tristes. Uma lacrimal dos Vencidos, Mãe da Saudade e das dôres irreparaveis, Capa dos Mendigos e dos leprosos das cidades malditas, Senhora dos Lutos e das Lagrimas, Rainha dos Suspiros, dos Soluços, das Sete Espadas, oferece, dedica e consagra o autor, em sua devoção este pequeno obelisco negro, com sete degrãos de marmore preto.

A SENHORA SILENCIOSA

Não foi n'um medieval castelo de balada, nem foi na Terra Santa aonde váe o romeiro, nem n'um bairro judeu historico e trigoero, que eu vi esse perfil de Hebreia celebrada.

Foi d'um abismo ao pé.— Muda, em pranto, calada, jorrou dentro em minha alma um balsamo fagueiro, quando eu ia rolar no atroz despenhadeiro dos infernos mundiaes, ante o altar do *deus Nada*

Sim! quando ia rolar nas trevas taciturnas, quando eu sentia já esse báto das furnas, que nos gela a epiderme e inteiriga de horror...

quando nada no abismo a queda me sustinha, silencioso esse olhar floriu, Senhora Minha! — qual negro vaso etrusco a raiz duma flor.

A SENHORA DA MELANCOLIA

Porquê tão triste assim?— Não sei. Estarrecido, votei-lhe um culto ideal, amor mais que terreno. Sua mágoa é um Sol que eu rasteiro e pequeno adoro no meu pó como um *Parse* vencido.

Sua melancolia a minha alma há rendido!... Seu grande ar tenebroso e o seu olhar de threno tem magia maior do que as *nixes* do Rheno, do que as *sagas* da Etruria, as *sibillas* de Gnido.

Ella habita um palacio, eu misero albergue. Mas já morou na treva, onde nunca o sol se ergue, nas solidões de Job e a triste Agar errante.

E máu grado entre nós haver um cávo abismo, sie d'esse olhar lutooso, um fluido, um magnetismo. — que me rende, me atrás, subjuga a cada instante!

A SENHORA DAS LAGRIMAS

Cávo a propria memoria e entre largas palmeiras surge Jerusalem, n'um passado já morto. Crieo ter sido outr'ora um Romano e no Horto n'um choroso sol posto, errar entre oliveiras.

Será um sonho vão?— Entre lanças guerreiras, vejo-me centuriado da Torre Antonia, e absorto contemplando São, Josafat, o Mar Morto, e a agua de Siloé regando as romanzeiras.

Crieo avistar tambem, mal velada n'um véo, atrás d'um porta-cruz que insulta o povoelô, a imagem que eu já vi, a mesma imagem rara.

— E' ella! E' ella! E' ella! E' seu rosto dorido! — Conforte as reaes mãos de marmore polido! — Cáe-lhe o pranto em silencio, em silencio, na cara.

A SENHORA DOS SUSPIROS

Revejo-a outra vez ás luzes das estrelas, n'um serro desolado, o atroz Campo do Oleiro, á lua que prateia o elmo das sentinelas, e junto a uma alta cruz ao monte sobranceiro.

Já vi o mar em fúria e a terra n'um brazeiro, já vi crucifricar leões, reis e donzelas, mas nada igual ao horror das tres estatuas belas, tres Estatuas da Noite, ao pé d'esse madeiro.

Uma era Salomé, outra Magdá, e ainda a *Dôr* que não tem nome, a Hebreia grave e linda, a rosa de Saron que gemeu nos retiros.

Essa é como a Raquel da Judea chorosa, Não quiere consolações. Longe das mais lutoosas, — uiva a matilha atrás dos ais e dos suspiros!

A SENHORA DAS SETE ESPADAS

Outra noite, era em Roma. — Eu estava n'uma orgia, junto de Cesar Borgia e uma real devassa. O Cristo estava em frente, ao alto. Enchi a taça de Rheno e arremessei-o ao Cristo que morria.

O ultraje era sangrento e macábra a ousadia!... O vinho purpurou-lhe o corpo niveo. E a baça fronte que alaga o horror e o livor da desgraça, dôbra... dobra-se ao chão... com mais melancolia.

Quando emfim me escapei da bacanal urrante, corta-me o passo a Sombra. Em vôz febricitante, bradei: Que me ólhas tu, com vistas irritadas?...

Nada me respondeu a Sombra amada e triste. Mas minha alma gemeu: — *Foste tu que reabriste o sangue que hoje cáe d'aquelas sete espadas.*

MISERERE MEI!...

A's risadas entrei n'uma egreja ás mafinas. — Conservava-se ateu meu coração corruito — Eis vejo sobre o altar o extranho ser de luto, rasgado o coração por sete espadas finas.

Chorei. Prostrei-me em terra. — Essas formas divinas não as púde fitar de rosto calmo e enxuto! Era a mão maternal... era o braço impoluto... que afastavam meus pés das ervas das ruinas!

Era o báfo de mãe, a indulgencia, o carinho, era a áza que afaga o implume passarinho, a mão que enxuga a testa ao menino, a dar ais...

O' Mãe triste! O' Mãe terna! O' Mãe dos olhos castos! acólhe esta alma em pranto, hirta, ao irio de rastos! — qual triste engeitadinha á porta de seus pés!

Gomes Leal

POMBOS CORREIOS

● O poeta Antonio Boto tem no prélo um livro em prosa, 280 paginas, com o suggestivo titulo: *Um pessimo juiz!* Embora Antonio Boto guarde a maior reserva do tema da obra, supomos tratar-se da analyse dum caso poetico-cinematografico, recentemente debatido.

● *Canadá* começou a publicação de uma deliciosa reportagem dramatizada do Paiva, grande mundana do segundo Imperio, cujo apelido celebre lhe advelou do seu matrimonio com um romantico fidalgo português.

● Santos Vieira tem prontos a entrar no prélo: *Fogo de vista*, comentarios, ensaios criticos e jornalismo; *A alma das redondilhas*, feixe de quadras populares, e *O Delirio das Imagens*, sonetos.

● Mario Beirão editará ainda este ano, talvez com o titulo *Elegia Heroica*, alguns dos seus poemas.

● Matos Sequeira acabou um livro sobre a *Industria do papel em Portugal*. De colaboração com Alberto de

Sousa prepara um *Gua de Coimbra*, e, sózinho, a *Historia dos Desportos Portuguezes*. Tem tambem uma peça, cujo titulo se regista já—*Ele*.

● No mês de marco faz vinte anos que se publicou o primeiro numero da revista *Orfeu*, testa dum largo e inovador movimento literario, que profundamente infului, no espirito português. Alguns dos seus colaboradores pensam em solenizar a data, publicando uma especie de *In-Memoriam*, da interessante revista, de que Santa Rita, Fernando Pessoa, Sá Carneiro e Amadeu de Sousa Cardoso, foram os mais famosos corifeus.

● O magazine *Vu* publicou em dupla pagina interessantes fotografias do litoral português, admiraveis de caracter e de beleza artistica.

● Anuncia-se para breve um livro de escandalo: *A revisão do processo de Judas*.

● As celebres cartas de Napoleão a Maria Luísa que a Biblioteca Nacional da França adquiriu num leilão, em

Londres, por 1.225.000 de francos vão ser publicados por um sindicato editorial que áeu pela sua reprodução a bonita soma de um milhão de francos.

● *Na Tribune des Nations*, Pierre Bernard, com o titulo *Le Fado souverain de l'Atlantide*, escreve um delicioso e simpatico artigo sobre Portugal.

● Os premios literarios Franceses, *Goncourt*, *Femina* e *Theophrast Renaudot* passaram despercebidos, desta vez, em Portugal.

A sua venda foi limitadissima.

● *A Presença*, interessante revista de Coimbra, publica no ultimo numero uma curiosa carta inedita de João de Deus.

● Livros que se venderam mais durante a semana: *Pirenica*, de Fidalgo de Figueiredo; *Aires de Ornelas e Alexandre Herculano*, de Vitorino Nemezio. Franceses: *Debats*, de Massis.

● *A Grande Comedia*, novelas, assim se chama a estreia literaria de Luiz Forjaz Trigueiros, que se anuncia para esta primavera.

CRÍTICA LITERÁRIA

Esta a notícia e comentário ligeiro de algumas obras que encontramos sobre a nossa mesa de trabalho.

«Viseu»

por Maximiano de Araújo.

Com maior propriedade esta obra devia intitular-se «Letras e letrados viseenses», que é afinal o título deste livro «Viseu».

É o quinto volume de uma obra de notável merito biografico que o falecido e illustre Maximiano de Araújo levou a cabo. Vida e obra dos escriptores que nasceram em Viseu e seu concelho ou que por circumstancia de relevo digam respeito á capital da Beira Alta.

Lido o prefacio de Aquilino Ribeiro — que merecia destaque — não suporta o volume comentario pretencioso.

Abre o livro do preclaro historiografico com a «relação» de D. Duarte, servida por transcrições de documentos valiosos, e logo neste volume se seguem as biografias de D. Diogo Ortiz de Vilhegas, que foi bispo de Viseu, Antonio de Sousa, frade dominicano e bispo, o grande João de Barros — paginas meritorias — Gaspar Barreiros, Francisco Coelho, Jorge Henriques, Cristóvão da Visitação, Cristóvão de Matos. E logo entra nos seculos XVII, XVIII e XIX, com algumas dezenas de nomes, por ventura muitos deles desconhecidos ou esquecidos, nem todos nascidos na região de Viseu, mas todos a ella ligados por vida e obra, e muitos tambem contemporaneos, como Tomaz Ribeiro, Correia Teles, Alves Martins, Emlidio Navarro, Candido de Figueiredo, e o proprio autor Maximiano de Araújo.

O escriptor Aquilino Ribeiro acrescenta em advertencia alguns nomes á centena dos que foram citados pelo autor mas só enunciando: o professor dr. Mendes Correia, o professor dr.

Oliveira Salazar, Amorim Girão, o proprio Aquilino Ribeiro, o professor dr. Lopes de Oliveira, o professor Tomaz da Fonseca, o dr. Manuel de Brito Camacho, o dr. Tomaz Colaço, etc. A edição deste meritorio volume é da «Seara Nova».

No Mar Tenebroso

—por Virginia de Castro e Almeida

Trata-se de um livro viajero, que diz de uma peregrinação maravilhosa pelas ilhas da Madeira e dos Açores.

«No Mar Tenebroso» é uma composição engenhosa para servir o assunto — literatura de viagens —, e a illustre escriptora, sr.ª D. Virginia de Castro e Almeida, logrou uma realização perfeita, de uma tecnica não original, certamente, mas segura e agradável, num processo pratico de familiarizar o leitor com os encantos, os mistérios, as bizarras, os quadros formosissimos, as ineditas visões panoramicas da Madeira, Santa Maria, S. Miguel, Ponta Delgada, Graciosa, Terceira, S. Jorge, Faial, Flores, Corvo.

D. Virginia de Castro e Almeida, cuja vasta obra a coloca merecidamente no primeiro plano das escripturas sérias da lingua portuguesa, mantém neste livro interessantissimo — que tem jus a uma tardução para bem do nome turistico de Portugal — as suas invulgaras qualidades literarias, de solida contestura, e no processo de que se serviu proporciona ao publico uma leitura suggestiva, graciosa, encantadora como o proprio assunto.

Faz-se imaginosamente acompanhar na peregrinação pelo professor Kay e por Joan, sua mulher, dois americanos viajados e cultos, de certo modo originaes, e por um José, não menos excentrico, mas apuradado, que se transportam nas jornadas pelo mar Atlantico, da Madeira e dos Açores, no pequeno navio «S. João», a varanda final de onde a autora, com certo ineditismo literario, vê deslizar o pa-

norama da sua obra, com o leitor debruçado e atencioso, junto deles.

São dezoito os capitulos e cada um deles é um quadrinho delicioso, desdobrado em apontamentos. Os que se referem, por exemplo, a Ponta Delgada, a S. Miguel e ao Corvo, são do melhor que neste genero se tem escrito.

No final do livro e da peregrinação a autora sugere aos seus companheiros uma nova jornada «para o ano que vem». O bom Kay, filosofico, lança então uma tirada conceituosa:

«A vida não permite a realização dos momentos perfectos. Daqui a um ano nenhum de nós será o que é hoje e as circumstancias serão outras; e tudo estará mudado. Um dos erros mais frequentes entre os homens é a creença na continuidade; não ha continuidade. Essa ilusão é a causa de grandes desgostos e desapontamentos. Vamos separar-nos daqui a umas horas e ficaremos espalhados pelo mundo, vivendo cada qual num meio diferente. Como poderemos prever as nossas reacções, as modalidades diversas que tomarão as nossas mentalidades? A propria amizade, o proprio amor, se modificam, se evasem...»

Em resumo — obra de certo merito literario e indiscutivel interesse publico, e para todos os publicos que sabem escolher leitura.

Edição da Livraria Classica Editora, da praça dos Restauradores.

«Julgamento do Amor»

—por Alberto Bramão

Publicou agora o sr. D. Alberto Bramão, numa edição de algibeira — e outros com o texto fariam um livro de preciosa lombada — o seu auto em verso «O Julgamento do Amor», pre-cedido daquele conceito de Stendhal «L'amour est plus fort que la morale, la richesse et la loi».

Diz o proprio autor:

«O auto que se val ler tenta definir

esta verdade — a força invencivel do amor. Não conheço, em toda a historia literaria, uma alegoria que seja, como esta, exclusivamente composta de simbolos e em que estes encierem sentimentos de exata realidade. Su-punho, por isso, que alguma novidade contém este insignificante e desluzido trabalhos».

É o auto precedido de um prologo á maneira velha, concetuoso e discreto.

Nos simbolos representativos — as figuras — o sr. D. Alberto Bramão mantém a toada do seu espirito finissimo, levemente critico ou ironista: não pretende a obra foros de imortalidade, aparecendo — julgamos nós — como um passatempo literario, um pouco ao feitio academico do seculo XVIII, embora em formulas que foram alheias aos arcades.

A «loucura» defende o «Amor» neste julgamento.

O Amor, tomando a palavra, em parte se defende a si proprio:

«Tenho a dizer simplesmente Que é infundado o queixume Que aqui fez toda esta gente. Eu afirmo, e sou sincero. Que nem conheço o Clume, A Vergonha ou a Valdeade, O Crime ou o Desespero, Nem a tal Fidelidade. Todas essas perversões Que infestam a humanidade Com suas mágoas incalmas, E que, sem tino ou verdade, Todos aqui exposeram. Tinham-nas eles nas almas Já quando me conheceram».

Por estas desenfadadas referencias tem o leitor a impressão da intenção e processo do «Julgamento do Amor». Edição do autor.

N. DE A.

Os pneus e câmaras de ar «**GENERAL**», pela sua fabricação especial, proporcionarão a V. Ex.ª, além duma perfeita segurança e bom serviço, uma kilometragem que não poderá nunca igualar nenhuma das marcas que procuram competir.

Monte nos seus carros, camions e auto omnibus pneus e câmaras de ar

“GENERAL”

PNEUS “GENERAL”, LIMITADA



“GENERAL”

LISBOA:

Rua do Alecrim, N.º 53

Telefone - 21121

Porto

Travessa do Teatro S. João, 4 a 10

Telefone - 6838

UMA PAGINA DO MEU JORNAL

Henri Heine

Encontro num livro de Henri Heine, chegado de França e remetido por uma amiga de infancia, uma quadra que resume no seu conteúdo espiritual e humano toda a minha dor, todo o meu sofrimento. Ha muito tempo que a minha sensibilidade e o meu desejo, a inquietude que caracteriza a minha vida mental, tinham descoberto este poeta, nascido na Alemanha, e tima da sua origem criado na França, judaica, cuja tragedia é um exemplo, e cuja obra vive palpitante, ainda, dezenas de anos após a sua morte.

Na vida de Henri Heine, sub-consciente o misterioso, existe um traço de infelicidade que a aproxima da minha, desmantelada por inesperado vendaval, existe, acutilante e destruidor, o problema da morte, o mais profundo e invencível de todos os problemas que afligem a humanidade consciente.

Eu sei, eu sei que para quasi todos, a morte é um incidente, fixado com indifferente tranquillidade, aquela tranquillidade com que a humanidade, em pie-nosculo vinte, fita os problemas mais variados e complexos. A morte é para quasi todos, ou para todos, o fim legal, ou mais claramente, a meta fatal para todos aqueles que a vida ceifa nesta ou naquela idade.

Os que labutam todos os dias, entretidos com as horas átomos da avalanche, comparsas do drama comum, vivem acima do problema, ou não cuidam dele por ausencia de compreensao, ou exaltação emotiva. São poucos os que neste seculo, caminheiro e veloz, param um instante desejosos de se interrogarem, ou necessitados de balançar a propria existencia. O drama do cotidiano substitui, em parte ou no todo, o drama da consciencia. A mecanica da vida de hoje, tendo por horizonte a moral do post-guerra, dis-

tançou os homens, quebrou as cadeias da affectividade individual, criando neles uma outra expressão de affectividade mais extensa, e possivelmente mais humana a da grei, no qual a primeira não pesa qualificativamente. Pensamento de um, quando não reverte a favor do comum — e o pensamento exacto é a mais alta expressão da affectividade — não interessa, ou é



Henri Heine

folha morta, arrastada pelo vento no seio da floresta viçosa e exuberante.

O desprendimento do proprio arrastou, nesta epoca em que tudo se reduz á pratica discussao dohi-metalismo, o problema da morte para um segundo plano. Só os affectivos e os poetas, os que se entregam mais a si proprio do que á vida, ou os contemplativos misticos, pensam na morte, fim ou iniciação, e cuidam na resolução deste problema, cuja beleza poucos advi-

nham e de cujo misterio, os mais timidos fogem apavorados.

No meu jornal, escrito em maré alta de sofrimento, tendo a morte bordando a meu lado, silenciosamente, interrogou-me varias vezes, e deixo que os meus olhos sondem a noite, rasguem a noite á procura do misterio, identico ao da sombra e da propria noite.

Revolveo o humus, e as minhas mãos, enquanto o pensamento se entorce, procuram baldadamente palpar a dvida, sentir o infinito.

Não cuido saber de que lado está a verdade, ou para que lado ela se inclina, quando a tormenta é maior dentro de mim, e o vendaval sopra, agreste e violento, anunciando o fim do mundo, do mundo dos seus sonhos. Para que? Para que?

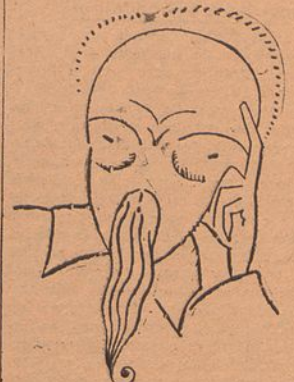
* * *

Aconselho os que não sofrem, os que ainda não foram tocados pela asa da morte a não boir no problema. Não toquem na duvida. Caminhem na vida humilhando-se, e vencendo, como aquele pobre violinista da «Morte do palhaço», de Raul Brandão; como aquele pobre farrapo humano, molido de inveja que atapeta a vida com a lama da sua alma, que a sua sensibilidade gera indefinidamente. Não toquem. Não toquem. Para que ter piedade, fixar as coisas com ternura, parar junto dos que sofrem, limpá-lhe as feridas, incutir-lhe esperança, ou acalantar o fogo no braseiro coberto de cinzas. O que se torna necessario, o que faz bem, o que nos consola, é não tocar na lama, passar de lado, enquanto os outros tombam irremediavelmente, pobres, gafos, isentos de sono, habituados a confundir o devaneio com a loucura e o bem com o mal.

Volto ao livro de Heine. Abandono a vida por uns instantes. Apago as luzes do meu quarto. Pela minha janela, rasgada sobre uma grande avenida entra um luar de prata liquida, doente, que inunda e encharca todos os meus sonhos. No silencio da noite tombam folhas, folhas de platanos, sequeiros e de agua. Tombam folhas. A minha tristeza e o meu isolamento são cada vez maiores, e sinto-me impotente para afastar do meu quarto, do nosso quarto, o luar de prata liquida que inunda e encharca o mundo dos meus sonhos.

AUGUSTO D'ESAGUY

O CONDE DE KEYSERLING Aristocracia e filosofia



O Conde Keyserling, calheiro viajante de conferencias, chegou agora de novo a Madrid e aos jornalistas espanhóis falou com a cortesia que costuma derramar, pelos locais por onde passa e de que usou para comenso, até passar a fronteira, porque depois...

—Não encontro grande diferença entre a Espanha actual e a que vi ha alguns anos. Não houve uma revolução profunda. Espanha é um país escatológico. Não é como Alemanha ou Inglaterra. Espanha é invulnerável como o tempo. Ha coisas que persistem. A revolução espanhola teve apenas aspectos externos. A revolução mundial não chegará cá. E Espanha cumprirá o seu destino. E o seu espirito será o principal integrador duma nova civilização.

Depois, cantou o espirito espanhol, e cantou Miguel de Unamuno, e voltou a cantar.

—Amo o espirito de Espanha, o seu individualismo, e espero que ela se salve da revolução mundial, como os Países Baixos se salvaram da guerra dos Trinta Anos.

«Perdi a minha patria e perdi cinco vezes a minha fortuna. Tenho sofrido todas as misérias humanas e contemplado as maiores catastrofes, sem deixar influenciar o meu espirito pelas contingencias. Não sou optimista nem pessimista.

Polis não, é conforme o lugar onde fala, e o preço porque lhe pagam as conferencias.

E como lhe lancasse um olhar inconfundivelmente zombador, ela que se supunha forte, nova, dominosa, mirou-se e remirou-se desconfiada e minuciosamente dos pés á cabeça, desde as linhas ímplexas ás veladas, desde os membros francos ás cabeças de pombos dos selos de neve. E ao cabo do exame desatou a chorar em fonte:

—Al, a cintura dela, ao menear-se, parecia um anel suspenso; o pescoço, em vez de prender a cabeça, levantava-a ao céu como se quizesse separá-la do tronco e oferecê-la de pasto ás aves. As pernas, ah, as pernas que deviam ser feitas para subir aos montes e ás arvores eram de tal pulcritude e materia que davam ideia do porfiro quebradico.

—Para que me serve este corpo inutil? Dize-me, ó homem maligno, para que me serve...?

E chorava lagrimas que eram orvalhada de grandes e brancas peroias:

Dize-me, dize-me, para que serve...? Tão bem suspirava ela que o velho mandingueiro pareceu enternecer-se. Que fazer daquela bela lactea e vibratil estrutura? O pranto da rapariga não cessava de correr como as melancollas olrosas das divendades. S. Pedro—que outro não era o velho com cabecorra de jumento—embebou-se com ele. No fundo da sua alma sussurrou a prece suavissima:

—Perdá o 6 Padre, que use da inefavel ciencia que nos comunicaste para segunda vez arrancar Eva do barro vil.

E estendendo a mão no leito de quem cede a delectado capricho fez—zagaga, não podia ser—toceçeira, também não; a virtuosa mulher dum sacerdote, horror; serva de homem rico em terras e rebanhos, mal empregada; vestal, era pena —fez uma ballarina.

Paris.

AQUILINO RIBEIRO

Voluptuoso milagre

(Continuação da 4.ª pagina)

maleabilidade, e pulou fora. Soltando uns ah! uns hil, gritinhos agudos como de cotovia que escapa a gaiola, descobriu-se bonita de corpo e um sorriso de blandicia luminou-lhe o rosto espectoso. Especioso sabia que era e todavia não se vira ainda ao espelho, alfaia que nunca entrara naquela casa. Mas pelo que media com os olhos tinha a sensação fisica do que era o resto. E só então lhe acudiu que fora uma triste velha, muito velha, e que um dos belos milagres da Galileia se tinha representado em sua pessoa. E como houvesse guardado o saqaz instinto de mulher, bambolando-se e admirando-se, disse para o velho, em frente dela baboso decerto com a obra:

—Bem desfigurada me vejo, não ha duvida. Se não soubesse, não me reconhecia. Nenhum cozedor era capaz de consertar melhor uma tiçela quebrada. Muito rico da graça de Deus és tu para assim obtares prodigios a tróco dumas colheres de papasi!

—Tive pena de ti porque notei que o teu coração andava triste.

—Consolaste-me. Que paga has de querer?

—Nada em ti me desuz. Dá graças ao Inefavel.

—Faço tudo o que mandares. Sou a tua serva.

—Não me iludo, o que adoras em mim é o poder e não o homem. Breve te arrendias também. O homem morreu, de facto, quando reconheci que a felicidade não está nos bens do deleite.

—Onde está então?

—Onde menos se busca.

—E onde é que menos se busca?

—Na arte de se conformar a gente.

Calou-se a delictosa compreendendo que na palvra do velho os destinos se equivaliam e as galas da formosura não lhe trariam mais venturas que a sua desamparada velhice. Mas tudo isso era retorica de velhos, certa, já se deixa ver, e ela sabia-o por experiencia, mas nada mais temerario em jovens. A questão toda era enterrar os dentes no fruto sem morder o caroço, que é amargo. E como o seu entendimento era advertido tornou:

—Como hei de recompensar tanta generosidade?

—De maneira alguma. As minhas mãos são rotas a dar e fechadas a receber.

—Mas, por quem és, não me deitas á margem... vê lá...!

No rosto do velho perpassou um sorriso mau, reflexo talvez do seu desprezo pelas ilusões das criaturas. E disse:

—Para mim não prestas.

—Mas, santo Deus, que queres que faça de mim? O meu coração desejava mas não sabia mais que desejar.

—Minha rica, puzeste-te fora da vida por teu belo gosto. Querias amar, sofrer, sentir o turbilhão da existencia, julgando que não tinhas amado nem sofrido, e a tua alma estalava a amar e a sofrer. Cumpridas um fadario igual ao dos outros mortais e não estavas satisfeita. Foi o diabo que soprou em teu peito as vaidades que enloutece as criaturas.

PANORAMA INTERNACIONAL

Barthou e a Academia

Louis Barthou deixou uma parte importante da sua fortuna á Academia Francesa para premios literarios a atribuir por esta instituicao. O eminente estadista francès era um escritor de assinalado mèrito que, mesmo nas situaçoes mais delicadas da vida publica em que teve de intervir, não esqueceu nunca essa tendencia natural do seu espirito. O seu livro sobre o politico pode apontar-se como uma obra prima de arte e de psicologia. Nas reunioes academicas as suas intervençoes ofereciam aspectos curiosissimos, sendo sempre escutadas com um respeito e um interesse que iam muito além da deferencia com que habitualmente os consagrados se fazem ouvir. Bibliofilo apaixonado, as collecções que legou constituem a demonstração segura da elegancia do seu espirito.

Ainda ha pouco, quando da recepção do duque de Brogrie, foi lido o discurso prologador que Barthou escreveu para essa cerimonia. As divergencias ideologicas existentes entre os que escutaram essa admiravel peça literaria, não impediram o reconhecimento unanime do seu valor e da superioridade do seu autor.

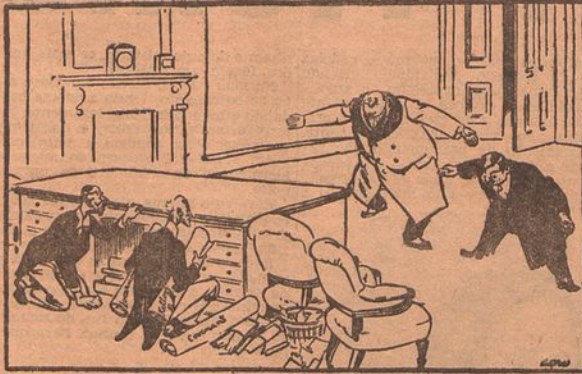
Barthou, que pòs ao serviço da causa literaria incontestaveis qualidades, consagrou assim admiravelmente uma carreira inteiramente devotada a fazer o bem e a cultivar a arte.

Guilherme e Nicolau

O livro de Maurice Paleologue sobre os ultimos imperadores da Alemanha e da Russia não apresenta grandes novidades. E' a repetição de informaçoes já conhecidas e criticadas em toda a parte, tendo algumas delas contribuído para o estudo do periodo historico que precedeu a Grande Guerra. O antigo embaixador francès na capital moscovita apresenta-se, sempre, como um escritor de insignificantes recursos, vindo os acontecimentos com clareza e independencia, e criticando-os e depois em escritos de forma impecavel. O seu trabalho intitulado «La Russie des tsars» pode apontar-se como um exemplo da narrativa historica, a que não falta escrupuloso respeito pela verdade e um sentido, quasi bizarro, do decorativo.

Em «Guilherme II e Nicolau II» seria inútil procurar qualquer coisa que se assemelhasse, de longe sequer, ao rigorismo que anima a grande obra publicada sobre o ambiente zarista.

Apenas, como digna de especial registro, uma opiniao pessoal de Maurice Paleologue. Para este o verdadeiro culpado do assassinio da familia imperial russa foi o ultimo imperador germanico. E, a proposito,



Os ministros ingleses cercados pela diplomacia francesa

o autor do livro revela uma certa druidade, ainda no periodo das hostilidades, pelo general Leontiev, comandante do 85.º regimento de infantaria moscovita, o regimento de Viborg, ao coronel honorario do mesmo regimento Guilherme de Hohenzollern:

«Quasi todos os officiaes e soldados russos dormem sob a terra fria. Destruído, aniquilado sem deixar vestígios, como tantos outros, esse glorioso regimento de Viborg; aniquilado o grande exercito russo. Assassinado o imperador Nicolau; assassinado o jovem herdeiro do throno, assassinada a imperatriz Alexandra e suas filhas. E, todos os dias, milhares de heróis de todas as classes e condiçoes, são massacrados.

«Mas vós, Sire, tendes a vida salva. Assim me dirijo a vós directamente, não para exprimir banalidades officiaes, mas para pôr em relevo os vossos crimes.»

«Que fizesseis para proteger esta familia? E' possivel que não tenha chegado ao vosso espirito a ideia de que esses infelizes, nas mãos duma população desvarada, se encontram todos os dias na iminencia da morte?

«E, entretanto, bastava uma palavra do vosso embaixador em Moscovo, mirbach, para obrigar os bolchevistas a velar pela familia dos tsars, como se a sua propria existencia dependesse disso, porque os bolchevistas tambem querem conservar a sua vida. Ora o imperador na Alemanha não accorreu em socorro desses infelizes e nem se-

quer levantou, quando da sua morte, o minimo protesto.»

A carta do general Leontiev termina com estas palavras:

«E' o sangue dum irmão que mancha as suas mãos.»

As apostrofes indignadas do militar russo podem não ter muito de comum com a verdade historica. Mas representam pelo menos, a expressao dum sentimento excepcional de desassombro e de cavalheirismo. Sobretudo é preciso não esquecer que o seu depoimento foi feito quando, segundo crença geral, o imperador da Alemanha se preparava ainda para ganhar a guerra.

Giosuè Carducci

A biografia romancada, que tem tantos cultores illustres em França e na Alemanha, invadiu tambem a Italia apresentando, como é natural, em relação a este pais, caracteristicas muito especiais. Lèr o «Eduardo VII», de André Maurois, e o «Holstein», de Joachim von Kurenburg, é compulsor um tratado curioso de psicologia comparada; franceses e alemães apparecem retratados nesses livros com todas as caracteristicas dos seus temperamentos respectivos: imaginação, subtilidade, claridade, no primeiro; espirito de ordem, romantismo, misterio, no segundo. Os alemães, que trabalham a literatura de caracteristicas modernas com uma indiscutivel superioridade tecnica, adaptaram a biografia romancada do seu jeito peculiar e, nesse capitulo, têm realizado verdadeiras maravilhas. Além do «Holstein», que

já indicámos, um «Walter Rathenau» do Conde Kessler, ha pouco falecido, pode ser apontado como uma obra prima do genero.

Agora Piero Barjeslini veio, com o seu «Giosuè Carducci», trazer subsídios novos e preciosos para a evolução dum genero literario que oferece incontestavel interesse. Mas é preciso confessar que, na historia da humanidade, poucas personalidades apresentam o vigor de expressao e o genio admiravel que caracterizam o poeta de Risorgimento. Os materiais, para a construção do edificio consagrado da obra de Carducci, estavam preparados por investigadores pacientes e por biografos conscienciosos. A verdade historica, tanto quanto esta expressao envolve de sentido compreensivo e de realidade humana, encontrava-se estabelecida com os depoimentos fundamentados de Chiarini e de M.^{me} Evangelista.

A tarefa de Barjeslini consistiu em apresentar o eminente poeta italiano sob um aspecto novo, emprestando-lhe a fisionomia consagradora do genio.

Os acordos de Roma

Louis Gillet assistiu ao desenvolvimento da tarefa diplomatica que concluiu pelos acordos de Roma.

Viu a chegada de Laval e apreciou a transformaçao cordial de Mussolini. Acompanhou a manobra delicada que procurou pôr termo ao mal entendido existente entre as capitais da França e da Italia, seguindo-a com a ansiedade de quem procurava, através difficuldades sem numero, vêr surgir os principios essenciaes da fraternidade latina por entre as nuvens das questões acumuladas e complicadas. As conclusões a que chegaram os interessados, leva-o a exprimir uma satisfacção justificada com expressões entusiasticas:

«Onde vai o tempo em que o menor incidente constituia um motivo de zedume? em que toda a população romana atribuia á França tudo o que representava difficuldades? em que a bola duma irlandesa atingindo Mussolini provocava tumultos em frente do palacio Farnese? Tudo isso representava apenas o despeito dum mal entendido prolongado, duma questao suscitada entre amourosos. O fei. desapareceu, e ficou apenas a amizade. Ha em Roma simos em numero suficiente para consagrarem uma festa de tal grandezza?»

Louis Gillet descreve com mão de mestre a grandiosidade das ceremonias em que colaboraram, animados dum mesmo espirito de solidariedade occidental, os representantes da democracia francesa e do fascismo italiano. A sua narrativa, de acentuado sabor literario, é a dum artista que vê transformado em realidade o grande sonho da sua vida.

Mesmo fora das consagrações officiaes e das ceremonias diplomaticas, francesas e italianas tinham que se entender em nome dos principios da fraternidade latina que não perdurava tão prolongado desentendimento.



— E o futuro da Europa? — Você tem vê que eu quebrei a cabeça a ver se o descobria!...

Os ultimos momentos de Gomes Leal

(Continuação da 1.ª pagina)

Mas a velhice sem o nimbar de gloria, atascou-o de ignominia. Os seus olhos azues de infante não? viram claro o mundo. O orgulho, as lavas, a gardénia— tudo parada. O retrato fisico, já tocado de ruina, é uma mascara. Não sabe lutar, nem quiere lutar. E' um iluminado. Ha estrelas no ceu, mesmo quando deambulava, nas madrugadas lividas, cadavericas de tinta, acossado de frio e de fome, através da cidade tumular, defendida por espessas e alterosas muralhas de egoismo. Quere-as cantar, mas a lira gasta, rouca, em estertor, já não ressoa como dantes. Caminha na noite imensa como um Asheverus. Os amigos fogem-lhe, o chapéu alto tomba, amachucado como o dos «gatos plingados» e a rosa vermelha da lapela chetra mal, a puz e a lama, a alcool e o vicio... Converte-se num D. Juan de vicio. Velho, tombo, vêem-no como ele é por fora, uma sobrecasaca coçada, transida de vagabundo reles, mas por dentro ha ainda umas brazas rutilas que ardem.

Já não chegam no frio do ultimo quartel da vida para lhe illuminarem o espirito, em novas radiações do seu maravilhoso instinto lirico, mas têm o calor bastante para que Gomes Leal, embora tudo desabe á sua volta, continue, sem interrupções o seu sonho de poeta. E' já um louco sublime, balbuciando sem expressao versos idiotas, sordidos. Já não sabe cantar! Que é do leque da «Duquesa de Brabantese»? Onde se despedaçou a sua «Lira de Nero»? E aquela «Camélia Negra», de letal aroma, onde tombou?

Que importa a realidade, a morte na vida, se a sua imaginação, nas alucinações das imagens, cria um mundo dorado e falcante de riquezas? Ninguém acredita nele vendo-lhe a sombra torturada? Sonambulico, com a flor vermelha de orgulho sangrando no peito e julgando que as pedras que os garotos, por escarneio lhe arremesam são flores—ele morre, no delirio dum triunfo que não chega, alucinado, embriagado como só morrem os loucos e os poetas.

Era tempo! Restava-lhe um ultimo admirador; era ele!

ARTUR PORTELA



O novo cavalo de Troia, conduzido do por Litvinoff